



UFRJ

**“PARA ALÉM DO LÓGOS”:
A PESTE DE ATENAS NA OBRA DE TUCÍDIDES**

Andréa Coelho Farias Draeger

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras clássicas. Orientador: Prof. Doutor Henrique Fortuna Cairus

Rio de Janeiro
Julho de 2004

**“PARA ALÉM DO *LÓGOS*”:
A PESTE DE ATENAS NA OBRA DE TUCÍDIDES**

Andréa Coelho Farias Draeger

Orientador: Prof. Doutor Henrique Fortuna Cairus

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras clássicas.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Doutor Henrique Fortuna Cairus

Prof. Doutor Jacyntho Lins Brandão (UFMG)

Profa. Doutora Diana Maul de Carvalho (NESC-UFRJ)

Profa. Doutora Helena Miranda Mollo, Suplente

Prof. Doutor Auto Lyra Teixeira, Suplente

Rio de Janeiro
Julho de 2004

Draeger, Andréa Coelho Farias.

“Para além do *lógos*”: a peste de Atenas na obra de Tucídides / Andréa Coelho Farias Draeger. – Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2004.

100 f., 31 cm.

Orientador: Henrique Fortuna Cairus

Dissertação (Mestrado) – UFRJ / Faculdade de Letras/
Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2004.

Referências Bibliográficas: f. 100

1. *Corpus hippocraticum* e Tucídides. 2. Livro II e III d’A *Guerra do Peloponeso*. 3. *Anomía* e doença na obra de Tucídides.. I. Cairus, Henrique Fortuna. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. III. Título.

**“PARA ALÉM DO LÓGOS”:
A PESTE DE ATENAS NA OBRA DE TUCÍDIDES**

Andréa Coelho Farias Draeger

Orientador: Prof. Doutor Henrique Fortuna Cairus

Resumo da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras clássicas.

A Peste de Atenas tornou-se célebre mais por sua descrição empreendida por Tucídides do que por seu reflexo nos destinos de Atenas. O peso simbólico do evento tem seus significados radicados na crise política que a cidade enfrenta, graças tanto ao assédio dos lacedemônios quanto ao questionamento acerca do desempenho de suas instituições. A crise institucional tem manifestações plurais, mas está sobretudo calcada na etiologia que advém da oscilação axiológica do princípio do μηδὲν ἄγαν, do “nada em excesso”. Tal princípio afinava-se com os postulados da medicina hipocrática, que, na obra de Tucídides, é utilizada tanto na afirmação desse princípio como valor, quanto no que se chamou, na Dissertação, de “método hipocrático”. A Dissertação, portanto, procura assinalar essas duas vias de influência da medicina sobre o olhar que Tucídides lança sobre a *pólis* ateniense.

Palavras-chave: Tucídides, *Corpus hippocraticum*, *anomía*, Peste de Atenas

Rio de Janeiro
Julho de 2004

**“PARA ALÉM DO LÓGOS”:
A PESTE DE ATENAS NA OBRA DE TUCÍDIDES**

Andréa Coelho Farias Draeger

Orientador: Prof. Doutor Henrique Fortuna Cairus

Abstract da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras clássicas.

The plague of Athens became more renowned for its description undertaken by Thucydides than for its consequences in Athens' destiny afterwards. The symbolic weight of the event has its meanings consolidated in the political crisis faced by the city due to both the siege of Lacedemonians and the questioning of the *polis*' institutions' performance. The institutional crisis has plural manifestations, but above all it is based on the etiology that comes from the axiological oscillation of the μηδὲν ἄγαν (“nothing in excess”) principle. Such principle was congruous with the postulates of Hippocratic medicine that, in the work of Thucydides, are used in the affirmation of this principle as value, as well as in what was called, in the Dissertation, the “Hippocratic method”. The Dissertation, therefore, aims to designate these two ways by which medicine influences Thucydides' approach of the Athenian *polis*.

Key-words: Thucydides, *Hippocratic corpus*, *anomía*, Plague of Athens

Rio de Janeiro
Julho de 2004

SINOPSE

Análise da descrição da peste no segundo livro de *A Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, a partir da presença de teorias e pressupostos contidos nos tratados do *Corpus hippocraticum* que datam do séc. V a.C. Proposta de tradução da referida descrição, privilegiando os aspectos enfocados pela pesquisa.

Para Frederico Draeger

Ao Professor Doutor Henrique Cairus,
pela confiança, paciência e orientação
dedicada ao longo de meu trabalho;

Ao Professor Titular Doutor Jacyntho Brandão,
pelo auxílio na escolha do tema desta
pesquisa;

A Tatiana Ribeiro,
pela amizade, apoio e comentários indispensáveis;

A Agatha Bacelar,
pelo estímulo e auxílio oportuno;

Aos meus pais, Maurício e Elisabete,
pelo incentivo e compreensão, meu
reconhecimento e afeto;

Aos meus irmãos, Alesandra e Bruno,
pela atenção e paciência dispensadas
durante o período da pesquisa;

A Frederico Draeger,
pela confiança, dedicação e carinho,
a quem sou mais que devedora,

agradeço.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO _____	12
2- RESSONÂNCIAS DO PENSAMENTO HIPOCRÁTICO EM TUCÍDIDES _____	20
3 – ANOMIA E DOENÇA EM TUCÍDIDES _____	40
4 – TRADUÇÃO DA DESCRIÇÃO DA PESTE n' A GUERRA DO PELOPONESO _____	75
4.1 – Acerca do <i>Corpus</i> e da Tradução _____	75
4.2 – Tradução de <i>A Guerra do Peloponeso</i>, II, 47-60 _____	76
4.3 - Tradução de <i>A Guerra do Peloponeso</i>, III, 87 _____	88
5 – CONCLUSÃO _____	90
6 – BIBLIOGRAFIA _____	95

ABREVIATURAS

a) Dos tratados do *Corpus hippocraticum*

NH – *Da natureza do homem*

AAL – *Ares, Água e Lugares*

MA - *Medicina antiga*

b) gerais

DK – Referência numérica dos fragmentos dos filósofos pré-socráticos adotada
pela obra DIELS & KRANZ (1951-92)

TUC. – *A Guerra do peloponeso*, de Tucídides

Hdt. – *Histórias*, de Heródoto

lit. - literalmente

Ταυτόν, ἦν δ' ἐγώ, ὅπερ ἐν τῇ
ὀλιγαρχίᾳ νόσημα ἐγγενόμενον
ἀπώλεσεν αὐτήν, τοῦτο καὶ ἐν ταύτῃ
πλέον τε καὶ ἰσχυρότερον ἐκ τῆς
ἐξουσίας ἐγγενόμενον καταδουλοῦται
δημοκρατίαν. Καὶ τῶ ὄντι τὸ ἄγαν τι
ποιεῖν μεγάλην φιλεῖ εἰς τὸναντίον
μεταβολὴν ἀνταποδιδόναι, ἐν ὥραις τε
καὶ ἐν φυτοῖς καὶ ἐν σώμασιν, καὶ δὴ καὶ
ἐν πολιτείαις οὐχ ἥκιστα.

Platão, República, 563e

1- INTRODUÇÃO

A guerra entre os atenienses e os lacedemônios, a Guerra do Peloponeso, durou de cerca de 431 a 404 a.C., data da última vitória espartana.

A história da guerra, presente direta ou indiretamente na obra de muitos autores clássicos, foi tematizada por Tucídides, em uma obra que recebeu o nome de *A Guerra do Peloponeso*. Esta longa guerra logrou envolver quase todos os povos gregos, que, no mínimo, sentiram seus efeitos ulteriores. No relato de Tucídides, nota-se como, naquele momento, havia uma grande moção na maioria dos povos gregos, o que o Historiador ateniense eleva a uma situação sem precedentes.

Tucídides, consoante sua tarefa de historiador, constrói a história da Guerra, respaldado pela autoridade conferida pelo seu status de observador privilegiado, uma vez que ele próprio participou da Guerra, na condição de estrategista. Em sua obra nota-se uma riqueza e uma minuciosidade incomuns em descrições análogas e coetâneas, principalmente no livro II. Tal detalhamento acurado afere mais autoridade ao relato e mais solidez à construção de uma verdade histórica que imperou por muitos séculos no imaginário grego e na cultura ocidental. Por essa razão, a história proposta por Tucídides é tomada abaixo e a seguir como a base para essa pequena apresentação do tema que será estudado na obra do próprio Historiador.

A Guerra tem como motor a disputa da hegemonia territorial entre as duas *póleis* envolvidas e a origem da refrega remete ao descontentamento dos espartanos com a atuação de Atenas na administração do espólio da Guerra contra os persas.

A primeira fase da guerra (431-421) consiste no episódio que se tornou conhecido como a guerra de Arquídamo, graças ao fato de esse rei de

Esparta ter desempenhado naquele momento um papel central. A contenda entre as cidades iniciou-se com o ataque da Confederação da Beócia à Platéia, aliada de Atenas. Os peloponésios intervêm, comandados por Arquídamos e uma série de incursões devastadoras se sucedem na Ática.

A invasão da Ática é marcada por grandes destruições, os peloponésios devastaram primeiro aqueles campos, obrigando a população, sob ordens de Péricles, a refugiar-se no centro urbano. Ao mesmo tempo em que a cidade era destruída por terra, os atenienses com seus navios massacravam o litoral do Peloponeso. Por um tempo, os atenienses tiveram relativos sucessos; porém, com uma segunda invasão da Ática e com a desapropriação da zona rural, a cidade começou a enfrentar uma grave crise: a peste. Relembrando uma imagem terrífica de Tucídides, a cidade definhava por dentro e por fora, pois enquanto os atenienses caíam por terra devido à guerra, a peste dizimava a população no interior da cidade.

Com isso, percebe-se que o discurso de Arquídamos¹ teve grande efeito para a guerra, principalmente para a Ática. O arconte inicia seu discurso de forma bem estratégica, como um grande general. A princípio, fala do passado e de seus antecessores, os quais foram bem sucedidos em muitas batalhas, e que não há motivos para que eles também não sejam.

Arquídamos, no segundo livro de *A Guerra do Peloponeso*, discursa sobre o inimigo, sobre seus recursos e seu psiquismo; a intenção do líder, aparentemente, é convencer os cidadãos de que, conhecendo a forma de agir do inimigo, fica mais fácil atacá-los. E como Hornblower (1997:249) diz: “de fato o discurso contém mais sobre Atenas do que sobre Esparta”. O que poderia desencadear uma série de reflexões sobre a natureza dos discursos na obra de

¹ TUC., II, 10-11

Tucídides. De resto, tais reflexões já vêm se frutificando em publicações de muitos helenistas.

Os soldados espartanos deveriam ter sobretudo disciplina. Seu único objetivo era pôr fim ao poder ateniense e não buscar o reconhecimento e engrandecimento próprio, o que parecia ser creditado ao comportamento ateniense². Os parágrafos 4 e 5 são centrais neste discurso, Arquídamo fala da natureza da guerra, ou seja, que se deve estar preparado para enfrentar qualquer perigo. No entanto, o arconte está preocupado com a reação de Atenas perante a guerra, pois volta no parágrafo 6 a falar da preparação do povo inimigo; estes ao verem sua terra invadida e destruída, terão de agir e começar a lutar.

Arquídamo conclui o seu discurso ciclicamente, como o iniciou, referindo-se aos seus ancestrais, de forma coesa e objetiva, além de proferir uma exortação à disciplina e à vigilância.

Para a Ática, porém, a peste teve um caráter tão devastador quanto a própria guerra.³

A pesquisa que tem esta Dissertação por resultado procurou perceber o lugar e a importância que o pensamento médico do século V a.C. tem na historiografia de Tucídides, tomando como *corpus* a descrição da peste de Atenas no segundo livro d' *A Guerra do Peloponeso*. O Historiador, ao descrever a peste, o faz fundamentado em sua própria observação, mas dentro de um modelo hipocrático de percepção da verdade. Sua primeira questão é procurar a origem do mal, para o qual é reivindicada a Etiópia – que, no imaginário grego, era o ponto mais distante no mundo. A doença teria entrado, então, pela região portuária de Atenas, Pireus, de onde se difunde por toda a *pólis*. Tucídides descreve o lugar, o período e os sintomas da doença. Percebe-se, então, a

² Naturalmente trata-se de uma construção da retórica de Arquídamo, e tal relação com a guerra não é a que se pode encontrar, por exemplo, no fr. 2West de Sólon, em que o Poeta de Atenas exorta seu povo à luta, em nome de um certo orgulho pátrio.

³ Tal afirmação está calcada no relato feito por Tucídides, pois veremos mais adiante qual foi a repercussão da peste no imaginário do povo ateniense.

ineficácia da medicina e da religião, pois os médicos não conheciam a natureza da peste, mesmo porque não houvera nenhum conhecimento desta doença anteriormente; e as preces e apelos aos oráculos não surtiam efeito, já que não se atribuía à doença nenhuma origem divina, como a que aparece no primeiro canto da *Iliada* ou como a peste descrita em *Édipo rei*, que, apesar de ter uma relação claramente simbólica com a vida política, mantém sua causa divina consoante o mito do qual é uso e expressão.

Trabalhar-se-á com o segundo e terceiro livros da *A Guerra do Peloponeso*, de Tucídides. Sendo a descrição da peste o objeto de estudo, a pesquisa se delimitará aos capítulos 47 a 60 do segundo livro e ao capítulo 87 do terceiro livro. Nessas passagens, Tucídides descreve duas ocorrências da peste em Atenas, buscando encontrar suas causas.

Em sua descrição da peste, o autor sugere uma contrapartida social para esse mal, e o escopo dessa Dissertação será estudar como a peste confronta dois pólos de um modelo teórico. Tucídides, que utiliza o corpo humano para falar do corpo social da *pólis*, encontra na peste o momento em que ambos os corpos se unem no ambiente da doença, o momento em que se diluem as idéias de público e privado. O *Corpus hippocraticum* servirá de contraponto teórico para notar-se que idéias de corpo, doença e saúde teriam servido a Tucídides. Além disso, ao relatar a guerra, o Historiador ateniense faz uma descrição dos homens e do mundo, apoiando-se no método hipocrático. Ele descreve as atitudes e ações do homem no mundo, fundamentado no princípio de que há uma natureza humana perene.

O que Cornford⁴ chamou de método empírico está presente na narrativa da guerra, posto que é através das observações sistemáticas de casos que o Historiador procura compreender as causas da peste (e mesmo da guerra), e é

⁴ O terceiro capítulo de sua obra *Principium sapientiae* é intitulado “A teoria empírica do conhecimento”, e integra a primeira parte do livro, que leva o título de “Empirismo contra inspiração”.

através do conhecimento das causas que ele procurará supor alguma solução política ou alguma profilaxia social. É, mais uma vez, o pensamento hipocrático agindo na formação da idéia de interdependência entre diagnóstico e prognóstico.

Na verdade, Tucídides, através do discurso de Péricles⁵, procura fazer uma interpretação política dos acontecimentos, pois o tempo em que a cidade sofreu com a peste, a política também sofreu males, ou seja, interpreta a guerra como um grande mal físico.

O mal físico e o mal social se confundem quando a peste é descrita. Enquanto a cidade padece com a peste, o desequilíbrio -- um dos aspectos que se pode notar no que Tucídides escolheu chamar de “*anomia*” -- toma conta do corpo social; tal mecanismo de utilização de modelo pode ser percebido claramente quando o Historiador conta que as pessoas relacionam a segunda chegada dos peloponésios com a chegada da peste e, conseqüentemente, acusam Péricles pela guerra e pela peste, o que o leva a convocar uma assembléia a fim de ressaltar a importância de um todo unificado em detrimento do desmembramento (Tuc., II, 60), onde se nota mais uma vez a influência do método hipocrático.

A individualização coloca em risco o regime político, o sistema democrático poderia, assim, fragilizar-se diante do perigo monárquico que Atenas tanto teme. O discurso acerca do ideal unificador parece fazer ecoar os princípios norteadores do tratado *Da natureza do homem*.

O arconte convence o povo ateniense a continuar na guerra, no entanto, a peste acaba por contribuir consideravelmente para as derrotas de Atenas, já que a doença durou dois anos e voltou assolar a cidade por uma segunda vez (Tuc., III, 87), embora Tucídides seja categórico ao afirmar que a peste nunca saiu de Atenas. De fato, para livrar-se de um mal é necessário eliminar sua causa.

⁵ Não está em questão aqui a tão discutida autoria do discurso, mas apenas sua presença na obra e seu uso.

Enquanto houver *anomia* haverá *loimós*. O historiador chega a comparar o governante a um médico, pois ambos são responsáveis por manter o equilíbrio entre as partes do todo.

O fato de o corpo ter saúde com a homeostase e de isso estar de acordo com um ideal político, o do μηδὲν ἄγαν (nada excessivamente), faz com que os princípios da medicina como τέχνη sirvam para livrar a cidade de seus males, e os princípios da medicina como campo do conhecimento, com fronteiras definidas, sirvam para uma leitura da *pólis*.

Tucídides, como foi dito, utiliza o método hipocrático para descrever a peste e falar sobre a cidade, e, estando a peste no ponto liminar entre individual e o coletivo, ela se presta a ser, para o Historiador, a ponte que propicia pensar na *nósos* da cidade e em suas causas sociais, como sugere o autor, por exemplo, nesta passagem:

(...) os atenienses caíam ali e aqui massacrados por tal *páthos*, enquanto os homens morriam por dentro, sua terra era sitiada por fora. Envoltos por esse mal (*kakón*) lembraram imediatamente deste verso que os mais velhos diziam ser cantado antigamente: “A guerra dórica chegará e por meio dela a peste (*loimós*)”⁶.

Não seria difícil, a partir desse excerto supor uma etiologia política para o episódio da peste. E assim, consoante aos autores que postulam a compreensão do corpo como modelo para entender a cidade no historiador, tal perspectiva tende a contribuir para a reflexão acerca do momento em que o corpo encontra-se com a cidade.

⁶ TUC., II, 54

Cabe salientar ainda, nesta introdução, que a peste de Atenas será abordada na Dissertação a partir da contribuição do texto de Tucídides para sua inscrição na História de Atenas e, por conseguinte, na história da civilização ocidental. Não será discutida a factualidade da peste, mas sim o discurso que edificou sua imagem social na cultura grega⁷.

Percebe-se desta maneira que a peste teve um peso simbólico cujos significados foram radicados na crise política que a cidade enfrentou, graças tanto ao assédio dos lacedemônios quanto ao questionamento acerca do desempenho das instituições da própria *pólis* ateniense.

O primeiro capítulo da Dissertação trata da influência do *Corpus hippocraticum* na obra de Tucídides.

A medicina, como uma τέχνη inscreve-se no grupo de saberes humanos que se direciona para uma ação objetiva. Com alguns tratados do *Corpus hippocraticum*, a medicina delinea claramente sua maneira de agir e de contemplar seu universo de atuação. Dessa forma, pretende-se perceber como essa sua maneira peculiar de ver e de agir transitam pela obra de Tucídides, tomando como *corpus* de análise o episódio da peste de Atenas.

A crise institucional que se instaura em Atenas tem manifestações diversas, mas está sobretudo baseada na etiologia que advém da oscilação axiológica do princípio do μηδὲν ἄγαν, do “nada em excesso”. Este princípio ajustava-se com os postulados da medicina hipocrática, que, na obra de Tucídides, é utilizada tanto na afirmação desse princípio como valor, quanto no que se nomeará, na Dissertação, de “método hipocrático”.

A seguir, no segundo capítulo, o estudo se direcionará para a relação entre ἀνομία e doença. O objetivo desse capítulo é apresentar as conclusões da parte da pesquisa que tentou compreender como a peste repercute no imaginário da

⁷ Sobre questões relacionadas à factualidade da peste, seus limites e sua extensão, poder-se-ia recomendar o recente e admirável trabalho da Professora Doutora Diana Maul. A obra em questão, contudo, ainda se encontra no prelo. A mesma pesquisadora, contudo, dedicou parte considerável de sua Tese doutoral a esse tema.

pólis ateniense. Julgou-se necessário partir da observação do lugar que a peste ocupa nas manifestações da cultura grega clássica que nos foram legadas. Por isso, é imprescindível perquirir o caráter das pestes que aparecem em algumas obras da literatura grega como o poema homérico, *Ilíada* e a tragédia grega *Édipo Rei*, de Sófocles.

Nota-se, então, que a Dissertação dialogará com a história e com a historiografia, e o próprio autor do *corpus* da pesquisa é, ele próprio, um historiador. A ação da pesquisa foi norteadada pela idéia de que se está lidando com o passado construído e com a forma de se dialogar com esse passado.

Trata-se, no entanto, de um trabalho a partir do texto, que não prescinde da tradução deste, uma vez que é no texto original que se procurarão os elementos da argumentação a ser desenvolvida na Dissertação. Justamente por repensar o texto original a partir da abordagem proposta, não foi possível prescindir de uma proposta de tradução que contemplasse as observações oriundas dos dados textuais examinados.

Caberá à tradução a tarefa de tentar passar ao vernáculo o texto que criou um dos mais relevantes fatos da História do Ocidente, que, apesar (e por causa) da contestação de sua dimensão factual, constituiu em uma das peças mais interessantes e importantes da retórica historiográfica, que ensinou à História a construir e ao homem político a pensar.

A tradução pretende apontar uma leitura da descrição da peste que leve em consideração os elementos pesquisados, mas que deve sua apresentação à necessidade de se repensar o texto grego a partir dos significados e valores que podem ser supostos como seus coetâneos.

Finalmente, cabe acrescentar que as três partes que constituem o desenvolvimento do tema da dissertação têm a pretensão de formar um conjunto harmônico e complementar que objetiva oferecer a dimensão simbólica da construção discursiva do episódio da peste de Atenas e a contribuição da literatura médica para essa construção.

2 - RESSONÂNCIAS DO MÉTODO HIPOCRÁTICO EM TUCÍDIDES

Dentre os tratados hipocráticos, o *Da Natureza do Homem* parece ser particularmente interessante como ponto de partida para o estudo das confluências entre a historiografia de Tucídides e a medicina hipocrática, pois, nesse tratado, encontra-se muito claramente a idéia do corpo como um todo e da saúde como resultado de um equilíbrio, de uma homeostase. Além disso, o tratado é um dos exemplos mais evidentes das formas de observação e de captação de conhecimento empírico.

Em todo o *Corpus hippocraticum*, há três definições de saúde, dada a relevância desse conceito para a presente investigação, vale referi-las.

No tratado *Da natureza do homem*, lê-se:

Τὸ δὲ σῶμα τοῦ ἀνθρώπου ἔχει ἐν ἑωυτῷ αἷμα καὶ φλέγμα καὶ χολὴν ξανθὴν τε καὶ μέλαιναν, καὶ ταῦτ' ἐστὶν αὐτέῳ ἡ φύσις τοῦ σώματος, καὶ διὰ ταῦτα ἀλγέει καὶ ὑγιαίνει. Ὑγιαίνει μὲν οὖν μάλιστα, ὁκόταν μετρίως ἔχη ταῦτα τῆς πρὸς ἀλλήλα κρήσιος καὶ δυνάμιος καὶ τοῦ πλήθους, καὶ μάλιστα μεμιγμένα ἢ ἀλγέει δὲ ὁκόταν τι τουτέων ἔλασσον ἢ πλεον ἢ ἢ χωρισθῆ ἐν τῷ σώματι καὶ μὴ κεκρημένον ἢ τοῖσι ξύμπασιν.

O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e negra – esta é natureza do corpo, através da qual este adoece e tem saúde. Tem saúde precisamente quando esses humores são harmônicos em proporção (μετρίως), em propriedade em quantidade, e sobretudo quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais. (NH,4)

Essa definição, fundamentada na teoria humoral, não difere substancialmente da que se encontra no tratado *Da medicina antiga*, onde o autor depois de criticar aqueles que atribuem a causa das doenças às condições naturais, como o calor, o frio o seco ou o úmido, apresenta sua definição do estado de ‘não-doença’. No *Da medicina antiga*, no entanto, o autor responsabiliza o equilíbrio das propriedades (δυνάμεις):

ἔνι γὰρ ἐν ἀνθρώπῳ καὶ ἄλμυρόν καὶ πικρόν καὶ γλυκὺ καὶ ὄξύ καὶ στρυφνόν καὶ πλαδαρόν καὶ ἄλλα μυρία παντοίας δυνάμιας ἔχοντα πλῆθος τε καὶ ἰσχύν· ταῦτα μὲν μεριγμένα καὶ κεκρημένα ἀλλήλοισιν οὔτε φανερά ἐστὶν οὔτε λυπεῖ τὸν ἄνθρωπον, ὅταν δέ τι τούτων ἀποκριθῆ καὶ αὐτὸ ἐφ’ ἑωυτοῦ γένηται, τότε καὶ φανερόν ἐστι καὶ λυπεῖ τὸν ἄνθρωπον.

Há, de fato, o salgado, o amargo, o doce, o ácido, o azedo, o insípido e mil outras substâncias possuem propriedades diversas em relação à quantidade e à força. Essas coisas, misturadas e temperadas uma a uma, não estão manifestas e não fazem o homem padecer; mas, quando uma delas se separa e se isola, então ela se torna manifesta e faz o homem padecer. (MA, 14).

O tratado *Da dieta* traz outra definição de saúde, que não se refuta ao princípio fundamental da homeostase, que é apresentado como ‘igualdade’ (ἰσάζειν)⁸: ἀπὸ μὲν γὰρ τοῦ κρατεῖσθαι ὀκοτερονούν νοῦσοι ἐγγίνονται· ἀπὸ δὲ τοῦ ἰσάζειν πρὸς ἄλληλα ὑγιεῖη πρόσσεστιν (as doenças provem da predominância de um desses fatores, e a saúde provem da igualdade mútua desses fatores) (*Da dieta*, 69). Os fatores aos quais se refere o tratadista, não são

⁸ O que inevitavelmente leva à relação com a definição de saúde de Alcmeon de Crotona (DK4B), que considera a saúde uma ἰσονομίη. Naturalmente, como lembra Jouanna (1992:459), não se deve esquecer de considerar a alguma interferência da mão do doxógrafo. O testemunho doxográfico é de Écio,

nem os humores, nem as propriedades naturais, mas os elementos constituintes da dieta, a saber, a alimentação e as atividades físicas.

Em todas as definições acima, o que permanece é a idéia soberana de que a doença é um desequilíbrio, e a saúde é essencialmente uma conseqüência do estado de equilíbrio, que Atenas clássica parece reivindicar para constituir seu padrão de normalidade.

Restituir ou manter esse padrão de normalidade era necessário, mas exigia instrumentação adequada. Os gregos já possuíam um conceito que bem expressava a idéia desse instrumental mental, trata-se da τέχνη.

O capítulo seguinte desta Dissertação procurará localizar a medicina no universo da arte, da τέχνη. Mas pode-se notar, desde já, que, como τέχνη, a medicina se inscreve no grupo de conhecimentos humanos que se orientam para uma ação objetiva.

À medicina hipocrática, que é uma τέχνη, corresponde uma maneira ou, como quer Cornford, um método de ver o mundo, de interpretar o visto e de construir o pensamento sobre esta interpretação.

O *Corpus Hippocraticum* é uma coleção de escritos médicos, o mais antigo dos quais é do começo do século V a.C. Escolas médicas diferentes estão representadas nessa coleção, que, contudo, nos chegou com o nome de uma delas: a da ilha de Cós, que parece fazer mais jus ao nome de ‘hipocrática’, porquanto contou com o lendário médico Hipócrates que se tornou o epônimo de quase toda a medicina antiga.

Hipócrates e seus epígonos constituíram sua doutrina sobre fundamentos teóricos, e exigiam, em cada caso particular, a aplicação de princípios gerais. O elemento especulativo, sob a forma de hipótese, se encontra atestado no *Corpus Hippocraticum* e deve ter desempenhado um papel decisivo na doutrina do

doxógrafo do cujos escritos nos chegaram via tradição indireta, por Pseudo-Plutarco e Estobeu, a partir dos quais são fragmentariamente reconstituídos.

mestre. Mas também se deve fazer a importante ressalva de que neste caminho descobrimos elementos preciosos do método de Hipócrates.

A escola hipocrática realça com nitidez o espírito dessa medicina clássica, e esse espírito está determinado por uma atitude de rigoroso método empírico.

Para os autores hipocráticos, a arte médica se aprendia pela experiência e pela aplicação do raciocínio à natureza dos homens e das coisas. As histórias de doenças de regiões do Norte da Grécia (*Epidemias V e VII*) são os testemunhos mais significativos da importância da observação minuciosa e imparcial à cabeceira do doente, e tal observação constituía a base empírica da doutrina hipocrática.

É Cornford, na primeira metade do século XX, que propõe o método empírico para os tratados hipocráticos, e não deixa de acentuar que a teoria empírica é a que tem mais direito de ser chamada de “científica”⁹.

O formato hipocrático do empirismo é legado por vários tratadistas do *Corpus hippocraticum*, mas é principalmente o autor (provavelmente o próprio Hipócrates) do tratado *Da medicina antiga*, que faz a oposição bem clara entre esses dois elementos: o que aqui chamamos de dogmático (do filósofo natural) e o que conhecemos por empírico (do médico).

O tratado *Da medicina antiga*, porém, demonstra a complexidade do posicionamento da medicina no universo do conhecimento do homem grego, e ensina acerca da afirmação desse novo saber como um campo do conhecimento claramente delimitado. O tratado condena frontalmente a simplificação baseada no que seu autor chama de ὑποθέσεις, que Jouanna¹⁰ traduz por “postulados”, depois de argumentar que se trata do princípio indemonstrável de uma tese¹¹. Ainda que o autor do tratado defenda alguns médicos pré-hipocráticos, nota que é preciso combater suas ὑποθέσεις no lugar da inadmissível idéia pré-socrática de

⁹ cf. CORNFORD, 1981; p. 50

¹⁰ cf. JOUANNA, 1990; p.155

¹¹ Jouanna ratifica sua tradução no significado que se pode atribuir ao termo no *Menon* (86e) e na *República* (510b-c), de Platão.

ἀρχή. A nova ὑπόθεσις diferencia-se sobretudo por inserir-se numa ὁδός, que não se pode deixar de traduzir por ‘método’.

O lugar da ἀρχή passa a ser, portanto, definido pelo seu caráter arqueológico, e o seu fim está sintetizado no conceito expresso pelo verbo εὐρίσκω, do qual registram-se 28 ocorrências¹² no tratado¹³.

A filosofia natural, predominantemente dogmática, baseia-se, em geral, na concepção abstrata de que os corpos são constituídos por opostos, de que a sua conservação é devida a uma espécie de equilíbrio ou proporção das forças hostis e sua destruição ao predomínio indevido de um oposto sobre os outros.

A partir da teoria dos opostos, a filosofia natural e a medicina começaram a divergir.

Alcméon de Crotona, filósofo contemporâneo de Hipócrates, assim como este, também acreditava na teoria dos opostos de número infinito, diferente da escola que parece ter frequentado, a pitagórica.

Os opostos de Alcméon eram menos abstratos, e contêm somente propriedades sensíveis, o que está em harmonia com o tratado *Da Medicina antiga*, que afirma haver propriedades (δυνάμεις) presentes no corpo humano e que qualquer uma delas torna-se “aparente” ao ser isolada e se não estiver devidamente misturada.

Neste mesmo tratado, a lista de Alcméon é corrigida, retirando-se as propriedades cósmicas antigas (quente, frio, úmido e seco), pois não são visíveis quando isolados, já que estão sempre misturados a outras propriedades que são, essas sim, as causas da doença. Alcméon, como lembra Cornford¹⁴, privilegia os αἰσθητά, preferindo-os aos postulados assaz dogmáticos comumente disseminados pela filosofia natural.

¹² Incluídas as do verbo ἐξευρίσκω.

¹³ Para demonstrar como isso é significativo, basta lembrar que o tratado que mais apresenta ocorrências desses verbos depois do *Da medicina antiga* é o *Da arte*, onde há apenas onze ocorrências.

¹⁴ cf. CORNFORD, 1981, p.56

No tratado *Da natureza do homem*, o médico-autor opõe-se aos que caíram na armadilha dogmática, e que, como aponta Cornford, foram “erradamente levados a adotar o postulado filosófico de que o homem tem de ser composto de uma coisa só”¹⁵. Ainda para esse estudioso:

O que importa é ele recusar-se a tomar como ponto de partida da doutrina médica o postulado físico ou metafísico dos filósofos de que toda a realidade, e, portanto, também o corpo humano, tem, em última análise, de constituir numa ou mais coisas que não estão visivelmente presentes no corpo. A sua própria doutrina dos quatro humores era baseada no testemunho dos sentidos e reforçada pela experiência acumulada de tratamentos bem sucedidos¹⁶.

Na filosofia natural, a especulação incide sobre assuntos que estão fora do alcance da observação, tais como a origem do mundo e o “que se passa no céu e no subterrâneo”. O médico, por sua vez, partia de observações de casos individuais, para notar os sintomas e descobrir, se possível, o que é que está mal e como lhe dar remédio. A sustentação da medicina, portanto, é o mundo sensível, a partir do qual ela vai construir suas conjecturas. Nesse sentido, a medicina distancia-se tanto da filosofia natural — porquanto não dogmática — quanto estará afastada da filosofia socrática, por sua relação estreita com o universo dos αἰσθητά.

A medicina era uma arte prática antes mesmo de haver uma base empírica para seus processos¹⁷. E é nesta arte que se encontra o alicerce de um método genuinamente experimental.

A experimentação é um princípio prático indispensável ao médico, mas que não fazia parte do horizonte dos primeiros filósofos naturais. O médico, por

¹⁵ CORNFORD, 1981; p.57

¹⁶ *Idem*; p. 58

sua vez, aborda a questão da natureza do homem do particular para o geral, partindo do que lhe parecia ser fatos seguros, observados em casos particulares, e só depois se preocupando com sua aplicação individualizada.

O helenista Simon Swain, em um de seus artigos, afirma que Tucídides “acredita que sua análise dos eventos particulares da guerra do Peloponeso pode também explicar como os modelos do comportamento humano operarão em algum período e sobre alguma circunstância”¹⁸.

A filosofia natural partia da direção oposta, de cima para baixo. Os filósofos começavam pela cosmogonia, herdando os problemas tradicionais implícitos nos mitos cosmogônicos.

A natureza do homem aparece assim no fim de uma longa cadeia de raciocínios baseados nos seus postulados originais; e quando, provavelmente no século V a.C., os filósofos começaram a se interessar por questões de medicina, as suas doutrinas sobre a constituição física do homem foram predeterminadas pela sua teoria geral acerca da constituição de todos os outros corpos do universo.

O conhecimento fundamentado na observação e na experimentação, no século V a.C., estava dividido em filosofia natural (ou “física”) e medicina. O conflito surgiu quando uma e outra, partindo de pontos de vista diversos, chegaram à linha divisória – a natureza do homem.

Um autor hipocrático, tendo consciência disso, diz em seu tratado *Da medicina antiga* que certos médicos ou filósofos afirmavam que nenhum médico poderia saber medicina nem tratar convenientemente seus doentes sem conhecer a natureza do homem.

O médico tem de se ocupar insistentemente de fatos, não hesitando em interrogar os seus doentes. Sobre isso escreveu Cornford: “pois é assim que eu julgo que toda a arte foi estabelecida, pela observação de uma parte do fim em

¹⁷ Esse ponto será desenvolvido adiante, mas convém ressaltar a descrição da ação de Macáon na *Iliada* (IV, 215-9)

¹⁸ SWAIN, 1994; p. 303

cada um dos muitos casos particulares e pela junção posterior de tudo num todo único”¹⁹.

A teoria empírica do conhecimento foi uma teoria médica, iniciada, até onde nos é dado saber, por Alcmeón. Os médicos, porém, fizeram com que sua arte se “libertasse” parcialmente dos antecedentes que eles identificaram com a magia, recorrendo não mais a postulados abstratos, e sim à observação de casos particulares que tinham de ser resolvidos na prática, ou seja, partia-se da observação do particular para a generalização.

Diferentemente da leitura evolucionista que se faz, desde o século XIX, dessa mudança de perspectiva, não se defende aqui a passagem da magia do mito para a razão iluminada do *lógos*. O que se propõe é que houve uma mudança do ângulo de apreciação das questões relativas à saúde, que deixaram de ter por base o geral, que foi, assim identificado com uma magia que se diluía no núcleo políade, para sobejar na margem; enquanto o particular assume o seu lugar como ponto de partida do olhar observador. A partir desse particular, já se disse, constrói-se o geral. A partir do caso, a doença: a partir do νόσευμα, a νόσος.

As “experiências” registradas que são atribuídas aos físicos naturais são poucas e quase não consistem em reais experimentos. São, na realidade, exemplificações de conclusões já tiradas, de postulados dogmáticos, como, por exemplo, a existência do vazio.

A medicina ultrapassa as fronteiras de uma simples profissão para se converter num elemento cultural de primeira ordem na vida do povo grego. A medicina foi se tornando, cada vez mais, parte integrante do cotidiano, e foi da relação entre a medicina e a *Paidéia* que derivou a posição única ocupada pelo médico na Grécia Clássica.

A incorporação da arte médica ao núcleo do sistema cultural da Antigüidade clássica significava, principalmente, o reconhecimento *a posteriori*

¹⁹ CORNFORD, 1981; p. 66

da posição efetiva de grande potência que a medicina soubera conquistar durante e a partir da segunda metade do século V a.C.

De fato, a medicina não está separada da vida geral do espírito, mas procura conquistar um lugar firme dentro dela. Embora baseada num saber especial que diferencia o profissional do leigo em medicina, esforça-se deliberadamente para comunicar a este os seus conhecimentos e para encontrar meios e as vias necessárias para se tornar inteligível.

No capítulo posterior, ver-se-á que o pensamento da justa medida, que aparece no fragmento de Alcmeón,²⁰ atinge, também, a medicina hipocrática, como se percebe com clareza absoluta nos tratados *Da natureza do homem* e *Da medicina antiga*²¹.

O ideal do μηδὲν ἄγαν ganhou, nos séculos V e IV a.C., maior vulto não só na medicina, mas em outras expressões e manifestações de cultura como a tragédia, a política e a história. Dois tipos de saberes, porém, destacam-se: o da medicina e o da história.

A idéia do equilíbrio permeia todo o século V a.C., e essa idéia é a de um equilíbrio que se contrapõe ao desequilíbrio da ὑβρις, que deve ser entendido, naquele contexto, como uma violação da homeostase.

A peste (λοιμός) que assola Atenas é descrita por Tucídides como um desequilíbrio provocado pela ὑβρις, ou seja, como uma completa ἀνομία. A partir de então, pode-se perceber a influência do *Corpus hippocraticum* na historiografia de Tucídides, que utiliza também as idéias contidas na teoria empírica da medicina. Desta forma, a cidade (corpo político) é entendida como o corpo humano no sexto livro da *A Guerra do Peloponeso*.²²

Tal compreensão da *pólis* está relacionada ao tratado *Da natureza do Homem* que enumera quatro humores existentes no corpo para a sua perfeita

²⁰ 4 DK

²¹ NH, 4

²² TUC. ; VI, 14

saúde e que qualquer alteração no equilíbrio desses humores provocaria a doença²³.

Assim também o discurso de Péricles afirma que, para o bom funcionamento da cidade, a união das partes deve ser harmônica, ou seja, todas as suas partes devem estar reunidas em um conjunto harmônico.

O Historiador chega a comparar o governante a um médico, pois ambos são responsáveis por manter o equilíbrio entre as partes do todo (cidade e corpo). Assim, Tucídides, à maneira do médico, vai narrando a cidade em guerra, a cidade doente, por meio de investigações e observações, pois parece alvejar a natureza do homem. Preocupava-se, contudo, com descobrir as causas da guerra, que era, segundo a visão de Tucídides, a doença do corpo social.

Segundo Swain:

Tucídides adaptou a chave das teorias médicas à natureza e à terapia prognóstica, conforme seu próprio interesse. Na descrição da peste, no Livro II, e da *stásis*, no livro III, o discurso médico é usado como parte de uma exploração da focalização do mal social do qual sucede a *anthropêia phýsis*.²⁴

O Historiador segue então a narração do Livro II, trazendo ao conhecimento fatos relevantes para sua observação. Do capítulo 50 ao 54 deste livro, Tucídides tece um longo comentário sobre o fracasso decorrente do desequilíbrio social e político da *pólis*. A natureza humana não é mencionada explicitamente pelo autor como uma constante²⁵, porém os males sociais são dependentes dos efeitos da peste, que é algo externo ao indivíduo, intratável por

²³ cf, *NH*, 4

²⁴ SWAIN, 1994; p. 311-12

²⁵ TUC. II, 50.1

uma τέχνη que dependa da experiência, e prejudicial à *phýsis* humana. E assim, da mesma forma que a peste volta a se repetir, o comportamento humano tende também a repetir-se.

Swain, mais adiante em seu artigo, ressalta que o importante na obra de Tucídides:

é sua análise das relações do homem com o homem e com a sociedade. Análise das conseqüências sociais da doença, que é tão importante na descrição da peste em Atenas de Tucídides, é desconhecida nos escritores hipocráticos. É este fato que está talvez por trás da impaciência de Tucídides com esses profissionais ou leigos que eram interessados apenas na etiologia e protogenesis da doença (TUC.II,48.3).²⁶

Nota-se então o emprego da palavra φύσις²⁷ apenas como uma referência ao conteúdo biológico da natureza humana. Como a φύσις está no limiar entre o que é tangível e intangível pelo homem, falar sobre essa φύσις biológica é transportar esse ambiente liminar para dentro do homem, é dotar-lhe de limites e fronteiras que definem e testam sua própria ação.

Tucídides procura trabalhar no imaginário grego a repercussão da epidemia. No Livro II (50), o autor dissocia a peste das outras doenças e busca evidenciar seus efeitos mental e social²⁸, e a descrição da peste assume um tom que está além do entendimento humano, ou no dizer de Tucídides, o efeito (εἶδος) da doença era κρείσσον λόγου, ou seja, ultrapassava a capacidade de compreensão e de expressão, era mais forte do que o *lógos*.

²⁶ SWAIN, 1994; p. 312-13

²⁷ TUC. II,50.1

²⁸ *Idem*, II,51

O Historiador, preocupado com a repercussão psíquica e moral da doença, utiliza o termo ἀνθρωπεΐα φύσις não para referir-se ao homem biológico como parte de um mundo natural ou, até mesmo, à própria natureza, mas sim para falar do homem na sociedade humana.

Tucídides fez do ser humano o alvo de suas considerações. Ao relatar a guerra, apoiando-se no método hipocrático, faz uma descrição dos homens e de seu lugar no mundo. Narra as atitudes e ações do homem, tentando depreender, assim, a sua natureza, que é imutável, porquanto conceitua o próprio homem. De fato, o Historiador busca investigar e observar a natureza humana, especialmente na forma com a qual ela se relaciona com a cultura, sua aliada e sua inimiga.

Desta forma, Swain mostra, em seu artigo, que “Tucídides não era um copista médico do pensamento hipocrático, mas um historiador literário que tem usado as idéias hipocráticas quando elas lhe servem ou se afastando delas quando não lhe servem”.²⁹

O historiador procura ensinar que o homem deve se adaptar ou reagir às circunstâncias em que há mutações da sorte. A helenista Anna Lia Prado ainda declara que

Na paz e na prosperidade a γνώμη (inteligência) tem condições para impor-se plenamente, conduzindo as ações e levando-as pelo melhor caminho. Na guerra, porém, já que esta é um mestre violento (βίαιος διδάσκαλος) a γνώμη cede lugar à ὄργη, o elemento passional que, livre do princípio moderador, mobiliza tendências inerentes à natureza humana que serão identificadas como a πλεονεξία (ambição de ter mais) e a φιλοτιμία (amor às honras)³⁰.

²⁹ SWAIN, 1994; p. 307

³⁰ PRADO, 1989, p. 13

O autor engendra o conhecimento através daquilo que se vivencia, fato este que não difere da forma com a qual o autor do *Da natureza do homem* constrói seu acervo mnemônico e mesmo seu instrumental.

Tucídides não deixa de narrar as ações políticas do homem e sua trajetória no tempo, o que traduz a sua “consciência histórica”³¹. Ele narra tais fatos com uma moderação empírica do investigador, voltando-se para a observação dos conflitos que estavam ocorrendo no mundo helênico. No dizer de Helena Mollo:

O método hipocrático encontra-se presente [em Tucídides] não só na constante preocupação com a observação dos fatos narrados, mas também com a descrição dos fenômenos e de suas causas naturais. Em Tucídides, essas causas naturais são os fatos inerentes à vida humana no mundo, a política, a paz, a guerra e a conquista do poder³².

O método empírico é usado para narrar a guerra, pois através das observações se procura descobrir as *aitía* da guerra, isto é, a origem do exercício da civilidade e da política, como se nota no primeiro livro de *A Guerra do Peloponeso*. Essa preocupação expressa os valores determinantes para se diferenciar o passado e o presente dos homens. Assim, o autor do tratado *Da medicina antiga* procura explicar a origem da arte médica e oferece subsídios para a compreensão da mentalidade da Grécia Clássica, onde se situam os primórdios da valorização do pensamento investigativo a partir dos dados sensoriais. Tal tendência de privilegiar o pensamento investigativo³³ encontra

³¹ cf. MOLLO, 1994; p.87

³² MOLLO, 1994; p. 90

³³ Difere-se aqui radicalmente o pensamento investigativo do chamado ‘especulativo’, característico da filosofia natural.

uma de suas maiores expressões na instituição do tribunal, com seus *tekméria* e suas *martyríai*.

No século V a.C., segundo o pensamento de Finley, as respostas eram várias e diversas, mas

Partilhavam um cerne comum do racionalismo: a rejeição de qualquer aceitação automática das tradicionais regras e explicações mútuas ou convencionais; a insistência em que todas as instituições e padrões de comportamento se devem justificar por referência a princípios e normas gerais e “naturais”, e em que o homem era capaz, se preparando para fazer esse esforço, de aprender os modos de conduta corretos. É este espírito que justifica o termo Iluminismo;³⁴ foi ele que estimulou a longa erupção de investigação contínua que constitui a principal componente do “milagre grego”. Não se restringiu apenas aos filósofos mais ou menos profissionais. O impacto pode ver-se nitidamente, por exemplo, no desenvolvimento da literatura histórica. (...) E em Tucídides, finalmente reconhecemos o filósofo *manque*, o historiador tão familiarizado com o pensamento médico corrente, que, no seu relato sobre a peste em Atenas, não destoou dos escritos hipocráticos nem no espírito nem mesmo na linguagem técnica; (...) que nunca desistiu de tentar abrir o seu caminho desde o particular e o concreto para o universal³⁵.

Tucídides intenta a busca da verdade sobre os fatos que narra, mas tal investigação organiza-se em um processo análogo ao da observação médica e bem próxima ao da argumentação jurídica, onde se sucedem a observação, as

³⁴ Finley faz questão de lembrar que Iluminismo é o “nome que se deu à nova tendência intelectual, consoante o modelo do século dezoito”, (FINLEY, 1963; p. 120)

³⁵ FINLEY, 1963; p. 121-22

provas e as comparações. O historiador inaugura, por assim dizer, um método crítico, admirável pela firmeza e lucidez de sua interpretação. A helenista Jacqueline de Romilly em seus estudos sobre este método de Tucídides afirma o seguinte:

Depois da atividade crítica, que sustentava os métodos científicos, e depois da atividade lógica, que construía os sistemas de provas, ela representa a atividade organizadora, que reconstitui um conjunto coerente. Está obviamente na própria origem de cada uma das hipóteses apresentadas por Tucídides e reforça com as suas plausibilidades cada uma das demonstrações isoladas. Finalmente, é a expressão que permite atribuir a cada dado de fato, além da sua evidência, o seu significado.³⁶

É, contudo, no segundo livro d' *A Guerra do Peloponeso* que encontramos uma maior influência do *Corpus Hippocraticum*. Há a narração do início dos conflitos, as derrotas dos exércitos de Péricles e a descrição da flagelação da cidade de Atenas pela peste. Num relato rico em detalhes, o historiador mostra os fenômenos de um mal físico, mas, acima de tudo, político. Tanto a guerra quanto a peste instauram na cidade uma ἀνομία, o “mal físico” e o “mal social” se confundem, mesmo porque o interior político da *pólis* se desfaz enquanto o império sofre terríveis derrotas.

Tucídides ao falar de κρᾶσις, no capítulo 97 do livro 8, descreve, na opinião de Swain

O mais importante veredicto pessoal da história das relações sociais e políticas de Atenas. Aqui a idéia de combinação provavelmente reflete a noção hipocrática de

³⁶ ROMILLY, 1998; p. 174

patologia humoral (χυμοί), onde o estado de boa saúde é concebido como a κρᾶσις de elementos. Portanto a expressão μετρία ξύγκρασις é menos provável de prefigurar idéias de constituições variadas (como sempre tenho pensado) e mais provável referir-se a restauração do comportamento medido entre os grupos rivais na sociedade³⁷.

A *pólis* fica “doente”, pois o isolamento pelo qual passa faz com que o regime político se destrua no final da guerra. A transformação do regime democrático para o oligárquico acaba por acontecer, justificando, assim, o discurso de Péricles de ideal unificador tão análogo ao que é postulado no tratado do *Da natureza do homem*. No entanto, não parece ter sido somente o método hipocrático que exerceu influência sobre a historiografia de Tucídides, e, como afirma Jacqueline de Romilly:

Não se pode duvidar de que Tucídides teve mestres e aliados para expor nessas poucas páginas uma atividade racional tão intensa. Os sofistas, com a sua lógica e o seu positivismo, os médicos, com a sua busca do diagnóstico, e os atenienses do século V em geral, com a confiança nas possibilidades humanas, todos contribuem para oferecer a esse empreendimento um ambiente propício e estimulante. Mas em nenhum outro texto é tão absoluto o triunfo da razão, sob todas as suas formas. Isto explica o tom um tanto pretensioso que, com fundamento, assume a exposição³⁸.

³⁷ SWAIN, 1994; p. 307-08

³⁸ ROMILLY, 1998; p. 175

Pode-se notar, assim, que, no século V a.C., há uma transformação conflituosa nos valores que regem o pensamento grego, principalmente no que concerne à medicina e à história. Pode-se ver um pensamento investigativo sobrepondo-se, nos ambientes de decisão, ao que era deliberado por pressupostos relacionados a um tipo de religiosidade que vai sendo aos poucos centrifugada dos núcleos de poder. Não há, porém, a negação dos deuses. E Jacqueline de Romilly é categórica ao afirmar que:

Os procedimentos pelos quais Tucídides pretende estabelecer a verdade implicam, em todos os níveis, a atividade da razão. Isso é tão evidente, tão constante e tão fortemente traduzido na própria expressão que, de certo modo, o texto irrompe, naquele final do século V, como um verdadeiro manifesto.³⁹

Em seu artigo, Swain fala de uma observação de Parry, onde este afirma que Tucídides faz uso de um vocabulário não especificamente técnico, apesar de vários de seus termos e expressões serem empregados por escritores médicos, pois seu estilo é excessivamente seco, algo que não é típico da literatura médica⁴⁰.

Parry, no entanto, comenta “como Tucídides é dramático e imaginativo no que diz respeito a mostrar o terrível e esmagador poder da doença”⁴¹.

Swain nos apresenta uma série de passagens da obra de Tucídides em que se percebe as influências hipocráticas. No início da descrição da peste (II, 49.1), o Historiador relembra a idéia de constituição que aparece no tratado *Epidemias* (I, 5). Em seguida (II,49.6), faz uma alusão à idéia de periodicidade como em *Epidemias* (I, 26). Há, porém, todo um cuidado por parte do Historiador de se distanciar dos outros: “ambos, médicos e leigos (ἰδιώτης)”, pois a função de seu

³⁹ *Idem*; p. 157

⁴⁰ SWAIN, 1994; p. 309

⁴¹ *Idem*; p. 309

relato é permitir às gerações futuras “ter algum conhecimento prévio da doença e não ser ignorante em relação a ela” (II,48.3).

Swain, então, observa que

Vivendo, à parte por um momento o ponto de sua “impaciência”, com o profissional e a opinião leiga, alguém deve lembrar que ἰδιώτης aqui é usado em um sentido particular encontrado notadamente em *Da medicina antiga* (II,9), onde o contexto é a inoportuna mancha da opinião perita ou não perita. A obsessão com o *status* e o profissionalismo, encontra-se em muitos textos hipocráticos (*Da arte, MA*), opondo-se ao fato de que antigos médicos não eram ordenados dentro de corporações oficialmente reconhecidas, e que seus julgamentos e competência foram freqüentemente abertos a desafios dos não-peritos⁴².

Tucídides procurará posicionar-se num ponto equidistante entre o leigo e o profissional, de onde poderá, tanto na qualidade de vítima da peste quanto na de observador contumaz, transmitir o seu legado escrito a uma cultura – outrora oral – que poderá ser salva pela memória. Quem, no futuro, vier a reconhecer a peste em seu relato, saberá proteger-se do mal. E tudo isso é possível porque a natureza humana é um elemento constante na obra de Tucídides, termo este predominante também nas idéias de prognóstico apresentadas nos textos hipocráticos.

Tucídides faz uso de sinais externos (quadro sintomatológico) para indiciar algo da natureza interior. Assim como no pensamento hipocrático, o Historiador traça a sua semiologia, e parte de comparações e observações de elementos externos para sugerir processos ocultos no organismo. Essa característica é bem ressaltada por Swain na seguinte passagem de seu artigo:

A aproximação tem fortes ressonâncias em Tucídides. É neste modo de sinais/sintomas que eles nos oferecem, como foram, um plano de qualidade essencialmente invisível da doença sem tê-la nomeado. É esta aproximação que permite Tucídides analisar a possibilidade de uma força constante na história do comportamento humano e identificá-lo simplesmente como “natureza humana”.⁴³

Através do prognóstico, o Historiador não busca oferecer a cura, mas sim tornar a doença conhecida, para que no futuro possam prevê-la, saber de suas conseqüências, ou seja, que as pessoas não se tornem ignorantes em relação à doença.

O pensamento médico parece ter influenciado consideravelmente a idéia geral de causa em Tucídides. Para o Historiador, a suposição de como os fatos decorrem no passado-presente-futuro mostra a aceitação da regularização dos φαινόμενα.

Assim, Swain afirma que

a diferença entre Tucídides e Hipócrates a este respeito é que a natureza humana de Tucídides é muito mais que a fisiologia humana, que é o foco dos textos médicos. (...) Tucídides toma de Hipócrates a idéia de que a natureza foi uma constante, mas ele a desenvolveu dentro de seu próprio interesse nos homens em relação ao homem e a sociedade⁴⁴.

O Historiador procura, ainda, analisar o aspecto psíquico da natureza humana, ou seja, ressaltar o homem em sociedade, seu modo de comportamento

⁴² SWAIN, 1994; p. 310-11

⁴³ SWAIN, 1994; p. 316

⁴⁴ *Idem*; p.319

na guerra ou na paz, suas aflições, ambições. Aspecto este que não é realmente visível nos tratados médicos, com algumas exceções, como o tratado *Ares, águas e lugares*, em que uma etnografia – próxima a de Heródoto – procura contemplar o contexto em que o homem e seu psiquismo coletivo encontram-se no vértice limiar entre o *nómos* e a *phýsis*.

3 - ANOMIA E DOENÇA EM TUCÍDIDES

Neste capítulo, será estudada a relação entre ἀνομία e doença existente no episódio da peste descrito por Tucídides.

Tucídides, ao descrever a peste, o faz fundamentado na observação inspirada por pressupostos que tentamos desvendar. Seu primeiro passo é buscar a provável origem do mal, começando na Etiópia e chegando à região portuária de Atenas, Pireus, e daí o seu trajeto por toda a *pólis*⁴⁵. Assim, o estrategista historiador empreende uma detalhada descrição que leva em consideração o tempo (origem, duração e localização), o espaço (origem, extensão e localização) e as características nosológicas associada – como o quadro sintomático –, que, na falta de recurso analógico, pretende tornar a referência para as futuras analogias.

A minuciosidade com que os sintomas da peste são descritos⁴⁶ atesta a proximidade com o tratado *Epidemias*, que registra detalhadamente o prognóstico do médico, as crises, o curso da doença, os locais e ambientes, as condições de vida dos doentes e o seu desfecho. Tucídides faz uma relação dos sintomas da peste, passando por suas fases: inicial, aguda e crucial.

Ao falar da peste, conforme tentarei ratificar, o Historiador utiliza as idéias contidas no procedimento empírico da medicina. Desta forma, a cidade, enquanto corpo político, terá como modelo o corpo humano. Toma-se aqui por modelo o que está claramente definido em um capítulo do livro da professora Virgínia Fontes, onde se lê:

O modelo é a operação conceitual visando a representar relações ou funções que ligam as

⁴⁵ TUC., II, 47-8

⁴⁶ *Idem*, II, 49

unidades de um sistema. Suas interações entrelaçam os elementos de um conjunto dado. Construir um modelo supõe uma generalização prévia (formulação clara de hipótese ou problema, condição para a sua própria elaboração), e, num segundo momento, o de sua aplicação, ele deve permitir uma explicação abrangente de um fenômeno ou grupo de fenômenos. O trabalho com modelos é, pois, uma dupla operação cognitiva: de um lado, os procedimentos necessários para a construção do próprio modelo; de outro, as modalidades de sua aplicação.⁴⁷

Percebe-se, assim, que esse tipo de apropriação de modelo faz parte do método racionalista de Tucídides, conforme afirma Jacqueline de Romilly: “(...) pois os diversos métodos que ele instaura implicam ao mesmo tempo rigor crítico, dedução lógica e até, em certa medida, o estabelecimento de grandes princípios gerais que permitam a comparação e a analogia”.⁴⁸ Virgínia Fontes ainda lembra que

O modelo jamais é idêntico, por definição, à realidade observada. Ele permite captar a dinâmica — movimento de um conjunto — ou a estrutura — formas de articulação de um grupo de fenômenos. Mas, em sua elaboração, o modelo remete necessariamente a formas específicas — *a priori* — de apreensão da realidade.⁴⁹

E tal utilização de modelo torna-se ainda mais clara no sexto livro d’ *A Guerra do Peloponeso*, quando o autor faz uma alusão a esta idéia através do discurso de Nícias:

⁴⁷ FONTES, 1998, p. 356

⁴⁸ ROMILLY, J., 1988; p. 161

⁴⁹ FONTES, 1998, p. 356

(...) τῆς δὲ πόλεως κακῶς βουλευσαμένης ἰατρὸς ἂν γενέσθαι, καὶ τὸ καλῶς ἄρξαι τοῦτ' εἶναι, ὅς ἂν τὴν πατρίδα ὠφελήσῃ ὡς πλείστα ἢ ἑκὼν εἶναι μηδὲν βλάβῃ.

(...) tornar-te-ias um médico da cidade que foi vítima de más deliberações, e nisto consiste o bem governar, servir o melhor possível a sua pátria ou que, pelo menos, não prejudicá-la⁵⁰.

A cidade era vista como um corpo e o arconte como um médico que a curará, pois, como lembra Henrique Cairus, “o médico era o elemento moderador do indivíduo, e deveria, portanto, ser o modelo do líder, especialmente em épocas politicamente conturbadas”⁵¹. Assim como o corpo possui em si os princípios da doença, a cidade também tem, entre os homens, aqueles de boa ou má ação política. Acrescente-se ainda que agir bem politicamente era deixar-se reger pelo ideal do μηδὲν ἄγαν, que define a ‘homeostase’ social.

No entanto, a idéia da moderação ou da justa medida já podia ser observada nos pré-socráticos. Alcmeón de Crotona em um de seus fragmentos afirma: “τὴν δὲ ὑγίαν τὴν σύμμετρον τῶν ποιῶν κρᾶσιν” [assim, a saúde, é a mistura proporcional das qualidades]⁵². O tema do equilíbrio também vai estar presente na tragédia e na historiografia tão intensamente quanto na medicina.

Para Conford⁵³, consoante algumas tendências historiográficas predominantes até a segunda metade do século XX, é a partir de Alcmeón, no início do séc. V, que a medicina “se libertou” parcialmente da sua fase mágica para aperceber-se da importância suprema da observação cuidadosa.

Alcmeón, em seus poucos fragmentos, combina especulação e empirismo, pois suas principais doutrinas estão tão fundamentadas na experiência sensorial, através de observações e investigações sistemáticas, quanto

⁵⁰ TUC., VI, 14

⁵¹ CAIRUS, 1999; p. 34

⁵² B 4DK. Trata-se do final de um excerto doxográfico de Écio, já comentado nessa Dissertação.

⁵³ CORNFORD, 1981; p. 59

no pressupostos pitagóricos. A saúde, para ele, é um estado de equilíbrio entre as qualidades opostas, como o úmido e o seco, o frio e o quente, o amargo e o doce. A perturbação deste estado causa a doença, a julgar pelo testemunho de Écio⁵⁴.

Alcméon usou a estrutura do corpo humano como chave para a estrutura de todo o mundo. Utiliza, portanto, em relação ao que fará Tucídides, de forma ainda mais generalizante o modelo do corpo para a compreensão da realidade. Segundo Kirk e Raven:

o paralelismo entre os dois parece ter sido sustentado de algum modo por Anaxímenes, provavelmente como desenvolvimento da tendência não - científica de tratar o mundo exterior como uma pessoa, de o animar e o considerar como um organismo vivo. Esta idéia baseava - se na razão como resultado de integrações, como a de Heráclito, que tinha sublinhado bem o *Lógos*, ou disposição de todas as coisas, dos homens e do mundo como um todo, era essencialmente o mesmo⁵⁵.

A idéia de harmonia postulada por Heráclito é a da tensão, ou seja, a harmonia resulta da tensão de opostos (παλίντονος ἄρμονίη), garantindo, então, a coerência. Que é o que se nota no famoso fragmento 51DK do Efésio: “οὐ ξυνηῶσιν ὅκως διαφερόμενον ἔωυτῶ ξυμφέρεται· παλίντονος ἄρμονίη ὅκωσπερ τόξου καὶ λύρης” [não percebem como o que está em desacordo se reúne consigo mesmo; há a união de tensões opostas, como a do arco e da lira].

Heráclito aplica a idéia de harmonia de tensões opostas ao funcionamento do mundo, dando como exemplo a tensão da corda do arco e da lira, que exatamente equilibrada produz um complexo estável e unificado, que viabiliza a ação da guerra (o arco) e a da paz (lira), o que, na filosofia de Heráclito é fundamental. Desta forma Kirk e Raven afirmam que:

⁵⁴ Opinião dos filósofos, V, 30, 1

⁵⁵ KIRK & RAVEN, 1990; p.460

Podemos inferir que, se o equilíbrio entre os contrários não fosse mantido, por exemplo, se “o calor” (i.e. o total de substâncias quentes) começasse a prevalecer perigosamente sobre o frio, ou a noite sobre o dia, então a unidade e coerência do mundo cessariam; tal como, se a tensão na corda do arco exceder a tensão dos braços, todo o complexo é destruído.⁵⁶

Os contrários tendem na mesma proporção para direções opostas. Cada um produz uma tensão equivalente na direção da outra; caso contrário surge o desequilíbrio.

Relacionando este modelo ao corpo humano, percebe-se que a doença é resultante de um problema relativo ao μέτρον nas tensões, isto é, um oposto se sobrepõe ao outro. A cidade também fica “doente”, pois também há uma quebra da συμμετρία entre a φύσις e o νόμος. Atenas, com a peste e a guerra, configura um quadro de desequilíbrio em que a φύσις se sobrepõe ao domínio do νόμος.

A concepção de que a união dos vários elementos que compõem o conjunto deve estar harmônica para o todo funcionar bem aparece no discurso de Péricles, no segundo livro d’ *A Guerra do Peloponeso*:

ἐγὼ γὰρ ἡγοῦμαι πόλιν πλείω ξύμπασαν ὀρθουμένην ὠφελεῖν τοὺς ἰδιώτας ἢ καθ’ ἕκαστον τῶν πολιτῶν εὐπραγοῦσαν, ἀθρόαν δὲ σφαλλομένην. καλῶς μὲν γὰρ φερόμενος ἀνὴρ τὸ καθ’ ἑαυτὸν διαφθειρομένης τῆς πατρίδος οὐδὲν ἦσσαν ξυναπόλλυται, κακοτυχῶν δὲ ἐν εὐτυχούσῃ πολλῶ μᾶλλον διασώζεται.

Na minha opinião, uma cidade proporciona maiores benefícios aos seus habitantes (ιδιώται) quando é bem-sucedida como um todo do que quando cada um dos cidadãos prospera individualmente, mas fracassa como um todo.

⁵⁶ KIRK & RAVEN, 1990; p. 196

De fato, mesmo quando um homem é feliz em seus negócios privados, se a sua cidade se arruína ele perece com ela; se, todavia, ele se encontra em má situação, mas sua cidade está próspera, é mais provável que ele se saia bem⁵⁷.

O conjunto é valorizado em detrimento do isolamento das partes, pois este provoca a destruição.

E assim o autor do tratado *Da Natureza do Homem* acredita ser o corpo humano, formado por quatro humores e que a saúde se faz presente quando há o equilíbrio entre eles. Porém a falta ou o excesso de um deles gera a doença, pois ultrapassa a medida: “Υγιαίνει μὲν οὖν μάλιστα, ὀκόντα μετρίως ἔχη τὰῦτα τῆς πρὸς ἄλληλα κρήσιος καὶ δυνάμιος καὶ τοῦ πλήθους, καὶ μάλιστα μεμιγμένα ἦ”. [(o homem) tem saúde precisamente quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, e sobretudo quando misturados]⁵⁸. Portanto, a idéia de saúde expressa neste tratado parece ser a da homeostase.

O interesse do século XIX na medicina hipocrática, além de explicar-se pela reverência aos “primórdios da ciência”, deve-se também, e talvez principalmente, ao respaldo da permanência do conceito de saúde. De fato, Canguilhem lembra que a medicina, no positivismo do século XIX, enfatiza a idéia hipocrática de que “a natureza tanto do homem como fora dele, é harmonia e equilíbrio. A perturbação desse equilíbrio, dessa harmonia, é a doença”⁵⁹. E afirma ainda que, nesse mesmo contexto, “a regulação orgânica ou homeostase assegura, em primeiro lugar, a volta à constante quando o organismo se afasta dela em consequência das variações de sua relação com o meio”⁶⁰.

⁵⁷ TUC. II, 60

⁵⁸ NH,4

⁵⁹ CANGUILHEM, 1999; p. 20

⁶⁰ *Idem*; p.225. A implicação do meio remete também ao tratado hipocrático AAL.

Vale ressaltar que, durante o século XIX, houve grande interesse pelo *Corpus hippocraticum*, apesar de seu abandono paulatino como bibliografia nos cursos de medicina a partir da metade daquele século. Os tratados médicos hipocráticos ilustraram as perspectiva científicista dessa época, especialmente para aquela que se inseria no positivismo, cujos maiores baluartes foram Littré e Comte.

De acordo com Georges Canguilhem, Comte “não hesitou em utilizar os termos organismo social para designar a sociedade, definida como um consenso de partes coordenadas segundo dois aspectos: a sinergia e a simpatia, cujos conceitos são tirados da medicina de tradição hipocrática”⁶¹.

Littré e Daremberg, discípulos dissidentes de Comte, fizeram uma releitura dos tratados médicos hipocráticos, fato este que marcou uma nova perspectiva de toda a medicina ocidental e uma nova maneira dessa medicina relacionar-se com o seu passado. Littré, através de seus estudos do *Corpus hippocraticum*, compreendeu que este representava o primórdio da ciência e, portanto, fazia parte da história da medicina⁶², e, quanto à prática médica, servia para conferir-lhe a dimensão histórica necessária para referendá-la entre os saberes legítimos, que os que têm raízes clássicas.

Já Daremberg acreditava que o *Corpus hippocraticum* deveria ser parte da literatura médica de ‘*vade mecum*’, porém, doze anos mais tarde, na nova edição de seu *Hippocrate*, admitiu que estes escritos serviriam para despertar o gosto pela filologia médica e pela história da medicina.

Para esses positivistas do século XIX, a medicina hipocrática representava os primórdios da ciência ou, para usar uma expressão de Claude Bernard, a ciência “engatinhava” com Hipócrates. Contudo, graças a então preciosa idéia de progresso, eles acreditaram que a era de certezas sobre o conhecimento científico, e de modo especial sobre a medicina, despontava já com segurança.

⁶¹CANGUILHEM, 1999; p. 223

⁶²CAIRUS, 1999, p. 26

No *Corpus hippocraticum*, deve-se ressaltar que o fato de o corpo ter saúde com a homeostase e de isso estar de acordo com um ideal político, o do μηδὲν ἄγαν -- cuja correspondência no século XIX é o ideal romano que Horácio sintetiza na *aurea mediocritas* --, faz com que a τέχνη, grupo de saberes no qual se insere a medicina, sirva para livrar a cidade de seus males, e os princípios da medicina como área de conhecimento, com fronteiras definidas, sirvam para uma leitura da pólis.

Penso ser necessário aqui, dizer que tomo para o termo τέχνη a definição da helenista Jacqueline de Romilly, por considerá-la a mais precisa: “Essa palavra grega (...) designa o saber do homem, codificado e portador de eficácia prática. Isso vai desde o saber do piloto, do arquiteto ou do músico, até a retórica, por exemplo”⁶³. A helenista ainda lembra que “a medicina era uma delas [i.e., uma das τέχναι], e era capital para vida humana”⁶⁴.

Esse saber humano, ou conjunto de saberes humanos, ao qual corresponde a τέχνη dedicou-se, na medicina, a gerar ou devolver⁶⁵ a homeostase. A τέχνη cuida e retifica o excesso, a falta e a ausência. Seu tema, seu alvo, é a doença, que equivale, no campo político – consoante a ideal da pólis democrática –, à hegemonia do “μόνος”.

Não se pode dizer que há uma descrição do estado saudável no *Corpus hippocraticum*. A saúde, no entanto, se não é descrita, é definida pelos seus elementos constituintes, todos eles relativos à homeostase⁶⁶. Pode-se perceber isso claramente no tratado *Da natureza do homem*, onde a saúde é definida pelo contrário da μοναρχία humoral.

E somente ao se entender a correspondência entre os modelos teóricos de compreensão da cidade e do corpo é que se pode entender o νόμος e seus aspectos éticos e estéticos, como a saúde. E, de fato, o νόμος, no contexto em

⁶³ ROMILLY, 1995; p.202-03

⁶⁴ *Idem*

⁶⁵ Sobre esse tema voltar-se-á adiante.

⁶⁶ sobre esse tema, ver início do capítulo anterior desta Dissertação.

que a produção e a difusão do tratado se insere, fundamenta-se no ideal da καλοκαγαθία, ou seja, um ideal estético (καλός) e ético (ἀγαθός).

A helenista Anna Lia Prado, em um de seus textos, afirma que Tucídides em sua *A Guerra do Peloponeso*

caracteriza as qualidades do homem que surgiu com a guerra, um “homem novo”, e mostra, delineando seus traços, como ele é negação e oposto do homem antigo, aquele que os gregos idealizavam na figura do ἀνὴρ καλός καὶ ἀγαθός. A ἀνδρεία, por excelência a virtude do ἀνὴρ, na qual se combinam a força do corpo e a força da inteligência, tem por componentes a solidariedade com os φίλοις, a previdência, a moderação, a avaliação inteligente das situações. No quadro da guerra ela perde seu sentido original e assume o sentido que tem a audácia, cujos predicados são a irreflexão e agressividade estúpida.⁶⁷

A degeneração dos valores produz um novo modo de ver o mundo, onde a precaução e a moderação são consideradas, de certa forma, uma covardia ou um “disfarce” do não viril. Portanto, somente aqueles que são duros e suficientemente fortes e firmes merecem o respeito e a credulidade do povo.

Evidencia-se, então, na descrição da peste de Atenas, um desequilíbrio em consequência de uma ὕβρις coletiva contra o νόμος da cidade. O νόμος é o costume coletivizado e o seu retorno em forma de norma definidora de um padrão de normalidade. Apesar das nuances que a palavra ganha ao longo de sua trajetória na história do idioma grego, o νόμος no sentido aqui em questão é próximo ao que Canguilhem chama de ‘norma’ ao escrever: “a norma é aquilo que serve para retificar, pôr de pé, endireitar. Uma norma se propõe como um

⁶⁷ PRADO, 1989, p. 14

modo possível de unificar um diverso, de reabsorver uma diferença, de resolver uma desavença”⁶⁸.

Os correspondentes textuais que indicam essa relação entre ὕβρις e νόμος em situações relacionadas à utilização do mito podem ser notadas claramente na *Iliada* e em *Édipo Rei*. Esses textos, que devem ser lidos como expressão de naturezas e tempos diversos, têm em comum poderem servir-nos de indício do substrato imaginário dessa relação na cultura grega.

No primeiro canto da *Iliada* e no prólogo de *Édipo Rei*, as pestes que recaem sobre as naus gregas e sobre a cidade de Tebas são causadas por uma ὕβρις individual, que, porém, atinge a coletividade. Idéia esta também sustentada pelo helenista Jacques Jouanna ao afirmar que, em Homero e em Sófocles, “o flagelo é um castigo divino que dizima toda uma comunidade para punir a falta de um dos seus”⁶⁹.

A ὕβρις é o elemento desencadeador, tanto em Homero quanto em Tucídides, do desequilíbrio do νόμος. À medida que este νόμος não responde mais à ordem possível, a doença se instaura na cidade.

No entanto, a peste que assola Atenas não tem a mesma conotação religiosa que teve na epopéia e na tragédia, o que leva o Historiador a descrever tal episódio sob a ótica da medicina hipocrática, como se lê em um texto de Jouanna:

a originalidade da posição da medicina hipocrática sobre a pestilência é igualmente apreciada pela comparação com a posição de Tucídides sobre a grande peste de Atenas de 429. (...) Tucídides oferece uma descrição magistral do episódio, na qual ele se afasta da concepção tradicional e se aproxima do modelo médico. Ele se afasta da concepção tradicional na medida em que ele constata a

⁶⁸ CANGUILHEM, 1999; pp.211-12

⁶⁹ JOUANNA, 1992; p. 291

ineficácia dos meios divinos, suplicações aos deuses e oráculos.⁷⁰

Assim, ao descrever a peste, Tucídides traz à tona o problema dos limites de atuação do sagrado, cuja intervenção não teria mais a eficácia direta necessária. Por outro lado, os médicos também não conheciam a natureza da peste, mesmo porque não houvera nenhum conhecimento desta doença anteriormente, o que era agravado pelo fato de as preces e apelos aos oráculos não surtirem efeito.

Percebe-se, nesse episódio da peste descrita por Tucídides, que tanto a medicina quanto à tradição antiga (oráculos, sacerdotes, adivinhos) não podem aferir verdade à realidade da cidade. É o contrário do que se nota em *Édipo Rei* e em outras tragédias sofoclianas, nas quais a tradição de oráculos, sacerdotes e adivinhos harmonizam-se com o espírito investigativo, e ambas são eficazes para levar o herói à verdade.

Tucídides, apesar de influenciado pelo método hipocrático, apresenta, segundo Anna Lia Prado, uma atitude que:

não é a de um médico que tem esperança de propiciar a cura do doente com o seu saber, com sua τέχνη. Ao contrário, ele vê a guerra e os sofrimentos que dela decorrem como um mal que sempre atingirá os homens, enquanto a natureza humana for a mesma. Sentimos que sua reflexão é marcada pelo pesar que lhe causa a visão dos sofrimentos que atingem os homens, já que são incapazes de seguir o caminho que a razão lhes indica⁷¹.

De fato, o Historiador nota a condenação perpétua do homem às doenças inerentes à parte ‘hibrística’ de sua natureza, mas, em um aparente paradoxo,

⁷⁰ JOUANNA, 1992; p. 295-6

⁷¹ PRADO, 1989, p. 18

propõe a analogia entre o médico e o arconte⁷². A quem governa, portanto, cabe também a cura da coletividade.

A cura da coletividade deve seguir os mesmos fundamentos da cura do indivíduo, e, de modo especial, deveria observar o princípio da purgação, da κάθαρσις, presente na inspiração tanto do ritual do φαρμακός quanto no dispositivo do ostracismo. Mas entre a purgação do φαρμακός e a do ostracismo há uma distância onde se inscrevem precisamente as transformações paulatinas e sempre incompletas nas relações do homem políade com a esfera divina.

A medicina como modelo de prática e conhecimento empíricos opõe-se, num primeiro momento, a possibilidade de causa divina para a doença que é o que evidencia a fala de Aquiles no primeiro canto da *Ilíada*:

“Ατρείδη, νῦν ἄμμε παλιμπλαγχθέντας οἴω
ἄψ ἀπονοστήσειν, εἴ κεν θάνατόν γε φύγοιμεν,
εἰ δὴ ὁμοῦ πόλεμός τε δαμάῃ καὶ λοιμός Ἀχαιοῦς·
ἄλλ’ ἄγε δὴ τινα μάντιν ἐρείομεν ἢ ἱερῆα,
ἢ καὶ ὄνειροπόλον, καὶ γάρ τ’ ὄναρ ἐκ Διός ἐστιν,
ὅς κ’ εἴποι ὅ τι τόσσον ἐχώσατο Φοῖβος Ἀπόλλων,
εἴ ταρ ὄ γ’ εὐχολῆς ἐπιμέμφεται ἠδ’ ἑκατόμβης,
αἴ κέν πως ἀρνῶν κνίσης αἰγῶν τε τελείων
βούλεται ἀντιάσας ἡμῖν ἀπὸ λοιγὸν ἀμῦναι.”

“Filho de Atreu, penso que, depois de andar em
[círculos⁷³,
devemos regressar para casa, se escaparmos da morte,
pois aos Aquivos, além da guerra, a peste também os
[mata.
Vamos! Perguntemos, então, algum adivinho ou
[sacerdote,
ou ainda a um interpretador de sonhos — pois o sonho
[vem de Zeus —

⁷² TUC., IV, 14

⁷³ Esse verbo composto tipicamente homérico, παλιμπλαγχθείς, tem o sentido específico de “errar, indo e vindo”, com idéia de permanecer no mesmo lugar, ainda que se ande.

e ele diga porque Febo Apolo está tão irritado:
se por ter sido olvidado voto ou hecatombe,
Ou se ao menos quer de nós receber o perfume de
cordeiros e seletas cabras, a fim de repelir a
mortandade”.⁷⁴

A peste na *Iliáda* tem uma causa religiosa porque a ὕβρις de Agamêmnon vai contra o νόμος divino, nesse caso, relativo a Apolo. A epidemia sempre um fator coletivizante, aqui não conta nem mesmo com a interferência da medicina, pois a cura, assim como a doença se dá exclusivamente na esfera do religioso, além do fato de, nesse momento, não aparecer nenhum dos dois médicos da *Iliáda*.

A relação direta entre a doença e a esfera divina na épica homérica pode ser notada ainda na fala de Calcante que se segue:

“Οὐ τὰρ ὅ γ’ εὐχολῆς ἐπιμέμφεται οὐδ’
ἑκατομβῆς, ἀλλ’ ἔνεκ’ ἀρητῆρος, ὃν ἤτιμησ’
[Ἀγαμέμνων
οὐδ’ ἀπέλυσε θυγάτρα καὶ οὐκ ἀπεδέξατ’ ἄποινα·
τοῦνεκ’ ἄρ’ ἄλγε’ ἔδωκεν Ἐκηβόλος ἦδ’ ἔτι δώσει,
οὐδ’ ὅ γε πρὶν Δαναοῖσιν ἀεικέα λοιγὸν ἀπώσει,
πρὶν γ’ ἀπὸ πατρὶ φίλῳ δόμεναι ἐλικώπιδα κούρην
ἀπριάτην ἀνάποινον, ἄγειν θ’ ἱερὴν ἑκατόμβην
ἔς Χρύσην· τότε κέν μιν ἰλασσάμενοι πεπίθοιμεν.”

“Não se esqueceu nenhum voto nem hecatombe,
mas por causa do sacerdote que Agamemnon desonrou,
e cuja filha não libertou, e nem aceitou o resgate.

Por isso, o Arqueiro nos deu e ainda dará sofrimentos,
nem ao menos afastará dos Dânaos a terrível

[mortandade,
antes que ao querido pai entregues a donzela de vivos
[olhos,
sem resgate nenhum, e dirijas a Crises uma sagrada

⁷⁴ *Iliáda*, I, vv.59-67

hecatombe. Aplacado, então, persuadi-lo-emos”⁷⁵.

A atribuição da peste a Apolo é evocada aqui para apresentar uma postura que ressoa no imaginário grego desde pelo menos a composição dos poemas homéricos. Essa postura não se apaga diante das razões da *pólis* aparelhada com suas instituições jurídicas e políticas, mas ecoa no discurso da Atenas democrática como conflituoso contraponto aos novos métodos de obtenção da verdade.

Já em *Édipo Rei*, que está mais próximo temporal e espacialmente de Tucídides, a peste é causada por uma ὕβρις individual, que, no entanto, se opõe ao νόμος da cidade, pois parece ser a morte de Laio o fator desencadeador da peste em Tebas. O prólogo da peça é descritivo, principalmente quanto à peste, já que fala do presente para introduzir o passado. Depois de Édipo, o sacerdote toma a palavra, e, em seu discurso pode-se ler:

Πόλις γὰρ, ὥσπερ καὐτὸς εἰσορᾶς, ἄγαν
ἤδη σαλεύει κἀνακουφίσαι κάρα
βυθῶν ἔτ' οὐχ οἷα τε φοινίου ἀσλου,
φθίνουσα μὲν κάλυξιν ἐγκάρποις χθονὸς,
φθίνουσα δ' ἀγέλαις βουνόμοις, τόκοισί τε
ἀγόνοις γυναικῶν· ἐν δ' ὁ πυρφόρος θεὸς
σκήψας ἐλαύνει, λοιμὸς ἔξθιστος, πόλιν,
ὑφ' οὗ κενούται δῶμα Καδμείον· μέλας δ'
Ἄιδης στεναγμοῖς καὶ γόοις πλουτίζεται.

Θεοῖσι μὲν νυν οὐκ ἰσούμενόν σ' ἐγὼ
οὐδ' οἶδε παῖδες ἐζόμεσθ' ἐφέστιου,
ἀνδρῶν δὲ πρῶτον ἐν τε συμφοραῖς βίου
κρίνοντες ἐν τε δαιμόνων ξυναλλαγαῖς·
ὅς γ' ἐξέλυσας ἄστν Καδμείον μολῶν
σκληρᾶς ἀοιδουδάσμον ὃν παρείχομεν,
καὶ ταῦθ' ὑφ' ἡμῶν οὐδὲν ἐξειδῶς πλέον

⁷⁵ *Ilíada*, I, vv.93-100

οὐδ' ἐκδιδαχθεῖς, ἀλλὰ προσθήκη θεοῦ
λέγει νομίζει θ' ἡμῖν ὀρθῶσαι βίον.
νῦν τ', ὧς κράτιστον πᾶσιν Οἰδίπου κάρα,
ἵκετεύομέν σε πάντες οἶδε πρόστροποι
ἄλκῆν τιν' εὐρεῖν ἡμῖν, εἴτε του θεῶν
φήνην ακούσας εἴτ' ἀπ' ἀνδρὸς οἴσθα που.(...)

Pois a cidade deteriora-se, como tu mesmo vês,
desmedidamente, já não é capaz de levantar a cabeça
sobre o abismo de mortífera agitação.
Morrendo nos cálices de frutas da terra.
Morrendo nos rebanhos que pastam, nas mulheres que não
levam crianças a nascer. O deus portador do fogo maltrata a
cidade, lançando a peste odiosa⁷⁶,
esvaziando a morada Cadméia.
O negro Hades se enriquece de gemidos e lamentos.
Agora nem eu nem as crianças ao fogo doméstico
[suplicantes
te igualamos aos deuses. Mas o primeiro dos homens
julgamos ser nas vicissitudes da vida e nas intervenções
especiais dos deuses. Que entraste na cidade de Cadmo
para livrá-la da ríspida cantora a quem entregávamos
[tributos,
sem absolutamente nada saber por nós e nem ser informado.
Mas foi com assistência de um deus que — diz-se, pensa-se
— teres devolvido nossa vida. Ó, mais poderoso de todos,
[Édipo querido,
aqui todos te rogamos que nos encontre um remédio⁷⁷,
quer ouvindo a voz dos deuses, quer sabendo de alguma
maneira por meio de algum homem!⁷⁸

⁷⁶ Note-se que o termo ἔχθιστος (superlativo de ἐχθός, 'inimigo'), aqui traduzido por "odioso", indica uma extrema animosidade, e é encontrado em TUC.LXXI,3, onde se refere aos tebanos, considerados pelo texto de Tucídides "os nossos piores inimigos" (οἱ ἡμῖν ἔχθιστοι).

⁷⁷ Tanto a referência à idéia de 'remédio, proteção, ajuda', através do termo ἀλκή, quanto a esperança do sacerdote na salvação através de Édipo fazem soar o diapasão dessa tragédia, onde o herói e a cidade sempre procurarão alguma cura. Ao pensar-se no conceito de "símbolo dramático", proposto por Knox (2002:88), parece ter-se encontrado uma chave de leitura para o diálogo que Édipo, símbolo-identidade de uma nova axiologia de Atenas, empreende com o sacerdote. Este, que deveria encaminhar soluções, cobra do próprio Édipo a cura da cidade.

⁷⁸ *Édipo Rei*, vv. 22-43

Vale ressaltar que esta ὕβρις parte do ponto de vista do espectador, pois este conhece a verdade sobre o passado de Édipo, e não o herói. A falta cometida por Édipo é o que Aristóteles, na sua *Arte poética*, chama de ἀμαρτία⁷⁹: o herói estava impropriamente no lugar ‘certo’ e acabou matando o pai sem o saber. Segundo a reconstrução aristotélica de ἀμαρτία, pressupõe a ignorância do executor, ou seja, o erro do herói é acompanhado de uma ἄγνοια. Deve-se levar em consideração a maldição que sobrecaiu à família de Cadmo e às suas gerações que se situa em uma lenda imemorial, muito anterior ao regime da cidade-estado, e essa lenda era regida por outro estatuto moral muito diverso do políade, e sobreviveu a contextos em que o conceito de ὕβρις dependeu de outros valores que se alternavam ao sabor dos sucessivos νόμοι. A ὕβρις de Édipo é, então, passível de muitos fatores matizantes, mas é necessário que haja de algum ponto de vista, um agente híbrido, para a instauração desse tipo de mal que se inscreve entre a natureza e a cultura.

O tragediógrafo testa o “efeito trágico” sobre o público e não sobre o personagem. Em seu famoso texto *Édipo em Tebas*, Vernant declara:

A matéria da tragédia é o pensamento social próprio da cidade do século V, com as tensões, as contradições que surgem nela, quanto a chegada do direito e as instituições da vida política questionam no plano religioso e moral, os antigos valores tradicionais: estes mesmos que a lenda heróica exaltava, donde a tragédia toma seus temas e suas personagens, não mais para glorificá-los, como o fazia ainda a poesia lírica, mas para discuti-lo publicamente, em nome de um ideal cívico, diante dessa espécie de assembleia ou de tribunal populares que é um teatro grego. Esses conflitos externos do pensamento social, a tragédia os exprime.⁸¹

⁷⁹ Consoante a definição encontrada em *Ética a Nicômaco*, 1135b

⁸⁰ Note-se que é a mesma palavra, ἄγνοια, que se encontra em TUC. II 47,4, para fazer-se referência ao desconhecimento que envolvia a ação do médico diante da peste.

⁸¹ VERNANT, 1999;p. 55

Juntamente com o aparecimento do gênero trágico, no fim do século VI, o direito começa a esboçar, em Atenas, a noção jurídica de responsabilidade, distinguindo o crime voluntário do crime escusável. O homem experimenta com intensidade inovadora a responsabilidade plena pelos seus atos, em oposição à atribuição das causas às potências divinas que até então dominavam soberanamente o universo das causas. O homem pode, assim, agir e modificar o seu destino político e pessoal sem a interferência direta dos deuses, mas também sem prescindir das suas presenças, que integram a vida social e até mesmo a organizam, com suas datas, suas festas, seus ritos.

Essa Atenas a que chamamos de clássica conviveu com conflitos de valores que estão representados em quase toda a sua produção cultural. Ele tem vários aspectos, e um ponto convergente, baseado na dissensão entre duas maneiras de ver o mundo que, na verdade, nunca deixaram de complementar-se.

Uma das arestas desses dilemas, é trazida à tona pelo tragediógrafo: até que ponto o homem é responsável pelos seus atos, pois; ainda segundo Vernant:

O efeito trágico reside na maneira de dar forma à matéria, para fazer sentir as contradições que dilaceram o mundo divino, o universo social e político, o domínio dos valores, e fazer assim aparecer o homem como um *thaûma*, um *deinón*, uma espécie de monstro incompreensível e desconcertante, ao mesmo tempo agente e paciente, culpado e inocente, dominando toda natureza por seu espírito industrioso e incapaz de governar-se, lúcido e cegado por um delírio enviado pelos deuses. Contrariamente à epopéia e à poesia lírica, onde jamais o homem é apresentado enquanto agente, a tragédia situa, logo de início, o indivíduo na encruzilhada da ação, face a uma decisão que o engaja por completo; mas essa inelutável escolha opera-se num

mundo de forças obscuras e ambíguas, um mundo dividido onde “uma justiça luta contra outra justiça”, um deus contra um deus, onde o direito nunca está fixo, mas desloca-se em seu contrário. O homem acredita optar pelo bem; prende-se a ele com toda sua alma; e é o mal que ele escolheu, revelando-se, pela poluição da falta cometida, um criminoso.⁸²

E é esta tensão de conflitos e ambigüidades que aparece no vocabulário empregado por Édipo, fazendo com que o herói, aos olhos do espectador, cometa uma ὕβρις assim como os antigos reis da lenda de seus antepassados, pois a maldição familiar ainda vive, na época da cidade, na figura de Édipo; e, conseqüentemente, faz com que o herói seja o causador da peste que assola a cidade de Tebas.

Tucídides chega a se referir a um antigo oráculo que previa o flagelo de Atenas por uma guerra seguida por uma peste.

Τοιοῦτῳ μὲν πάθει οἱ Ἀθηναῖοι περιπεσόντες ἐπιέζοντο, ἀνθρώπων τ' ἔνδον θνησκόντων καὶ γῆς ἔξω δηουμένης. ἐν δὲ τῷ κακῷ οἷα εἰκὸς ἀνεμνήσθησαν καὶ τοῦδε τοῦ ἔπους, φάσκοντες οἱ πρεσβύτεροι πάλαι ἄδεσθαι “ Ἦξει Δωριακὸς πόλεμος καὶ λοιμὸς ἅμ' αὐτῷ.” ἐγένετο μὲν οὖν ἔρις τοῖς ἀνθρώποις μὴ λοιμὸν ὠνοομάσθαι ἐν τῷ ἔπει ὑπὸ τῶν παλαιῶν, ἀλλὰ λιμόν, ἐνίκησε δὲ ἐπὶ τοῦπαρόντος εἰκότως λοιμὸν εἰρησθαι· οἱ γὰρ ἀνθρωποι πρὸς ἅ ἔπασχον τὴν μνήμην ἐποιοῦντο.

Os atenienses caíam ali e aqui massacrados por tal mal, enquanto os homens morriam dentro (da cidade), suas terras eram sitiadas por fora. Nesse mal espontaneamente lembraram

⁸² VERNANT, 1999, p. 57

imediatamente deste verso que os mais velhos diziam cantar antigamente: “ A guerra dórica chegará e por meio dela a peste.”Criou-se uma discórdia entre os homens por não ser nomeado no verso ‘peste’, mas ‘fome’, venceu dizer-se em relação ao assunto presente peste; pois os homens produzem a memória de acordo com aquilo de que são passivos.⁸³

Assim a ὕβρις, em Tucídides, é coletiva porque o povo ateniense, governado por Péricles, visa a soberania sobre as outras cidades, alimentado por um sentimento de autoconfiança ilimitada que Atenas depositava em sua capacidade de superar toda oposição e todos os obstáculos, ou seja, o espírito condutor era o desejo de poder, a ambição sem reservas.

Ao escrever sobre o *Édipo Rei*, Bernard Knox sentenciar:

Édipo *týrannos* é, pois, mais que um herói trágico individual. Por seu título, *týrannos*, pela natureza e base de seu poder, por seu caráter e pelo modo de sua ação dramática, ele se assemelha a Atenas, a cidade que almejava (e está a um passo de) transformar-se no *týrannos* da Grécia, no rico e esplêndido autocrata de todo o mundo helênico⁸⁴.

O teatro (mas não só ele) colabora para essa visão de uma *hýbris* coletiva. A própria tragédia, diferentemente da comédia, percebe a cidade como uma figura única. É contudo, Tucídides que lhe dá um corpo mortal.

⁸³ TUC., II, 54

⁸⁴ KNOX, 2002, p.86

A construção unificadora de um νοῦς ateniense define-se também pelo seu comportamento hybrístico, e tal comportamento também é notado com muita clareza na obra de Tucídides. A esse propósito, escreve Ana Lia Prado:

O homem da guerra assume plenamente a ousadia irracional (τόλμα ἀλόγιστον) como virtude do ἀνὴρ quando chega a ousar sem disfarces da ἀνδρεία φιλέταιρος, isto é, o respeito aos laços de parentesco, à lei divina, aos princípios de generosidade que dão fundamento aos acordos, substituindo-os pela verdade do fanatismo das facções políticas, das vinganças, da fraude e do engano. A causa de tudo isso, conclui Tucídides, era poder que vem da πλεονεξία e da φιλοτιμία. Primazia à igualdade para todos na cidade ou à aristocracia moderada são apenas *slogans* que servem para conquistar do poder – quer se fale da luta maior, e dos peloponésios e atenienses ou da luta das facções nas cidades – porque a πλεονεξία e a φιλοτιμία que estão na base da luta pelo poder excluem a preocupação com o bem comum e a justiça.⁸⁵

Assim como Tucídides nota uma ἀνομία hybrística de Atenas, os atenienses – a julgar pelo próprio texto de Tucídides – parecem ver Péricles como um ὑβριστής, pois acreditam que o Arconte os persuadiu a ingressar na guerra.

No entanto, o segundo livro d' *A Guerra do Peloponeso*, faz um relato de Péricles como um σώφρων, pois este proporcionou uma política moderada e

⁸⁵ PRADO, 1989,15-6

manteve a cidade segura, e somente com a guerra adotou uma política que exaltava a magnitude da força da cidade⁸⁶.

Porém com sua morte, a população ateniense não seguiu seus conselhos, e foi tomada por ambições e cobiças excessivas, tal política foi nociva aos próprios atenienses e a seus aliados, fazendo com que a cidade como um todo fracassasse na condução da guerra⁸⁷. Fisher, em sua obra *Hybris: a study in the values of honour and shame in Ancient Greece*, afirma que:

(...) ninguém pode discutir apenas desta passagem que Atenas era livre de qualquer forma de ação hybrística enquanto esteve sob a influência dominante de Péricles. Mas esta é certamente consistente com a visão, que é geralmente confirmada pela narrativa do livro um, que a responsabilidade ateniense pelas situações em Córcira e Potidéia não foram, na visão do historiador, excessivamente agressiva ou indevidamente precipitada, e com sua explícita visão que Atenas foi em termos gerais sabiamente conduzida por Péricles.⁸⁸

O helenista ainda expõe que Tucídides retrata o contraste de Atenas antes e depois da morte de Péricles, e que os erros que seguiram foram causados por uma política influenciada por desejo prematuramente hybrístico, já que havia discussões políticas entre os candidatos a ocupar a função de líder, antes pertencente a Péricles⁸⁹.

Observa-se, então, que, na obra de Tucídides, os deuses não respondem mais diretamente pelas doenças e nem pelo sentido das coisas, mas sim o homem que – segundo Protágoras, então muito em voga – é o μέτρον πάντων (a

⁸⁶ Cf. TUC, II, 65

⁸⁷ *Idem*, II, 66

⁸⁸ FISHER, 1992; p. 395

⁸⁹ Cf. FISHER, 1992; p.395

medida de todas as coisas)⁹⁰. A medicina que surge na época clássica está desvinculada da ação direta dos deuses e apoiada nas experiências empíricas; no entanto, como já foi dito, não há a negação dos deuses. O homem dialogará com os deuses através de sua τέχνη, de seu conhecimento capaz de gerar uma μηχανή e um ἄκος ⁹¹.

A medicina, como τέχνη que é, populariza-se ainda mais com a peste, pois está de acordo com os ideais norteadores da organização políade, desempenhando assim um papel fundamental para que se construa o modelo da cidade alicerçado no modelo do corpo humano.

O efeito letal da peste sobre os animais é um *locus* da descrição da peste. Mesmo factual, a insistência na morte dos animais como prenúncio da peste é também uma opção que inscreve o fenômeno da peste em um padrão narrativo que remete, pelo menos à *Iliada* de Homero, sem deixar de estar presente em Sófocles. Esse padrão narrativo, conquanto que formular ao seu modo, parece preparar a cena de um fenômeno extremamente coletivizante, capaz de atingir a todos, porquanto chega mesmo a começar pelos animais.

Em Tucídides, no entanto, os animais não preparavam a cena, mas serviam de índice da gravidade de situação. Os homens, αἴτιοι eles mesmos, tornam os animais escassos, de onde é possível inferir claramente a idéia de contágio, do qual seriam vítimas mesmo os bichos necrófagos por natureza. Além do contágio – e também por causa dele – os animais de rapina, eles próprios, passam a repugnar-se com a profusão de mortandades.

Segundo Tucídides:

(...) τὰ γὰρ ὄρνεα καὶ τετράποδα ὅσα ἀνθρώπων ἄπτεται πολλῶν ἀτάφων

⁹⁰ Diógenes Laércio, IX, 53 (fr. 1 DK)

⁹¹ Cf. CAIRUS, 2003, p.10 et sq.

γενομένων ἢ οὐ προσήει ἢ γευσάμενα
διεφθείρετο. τεκμήριον δέ· τῶν μὲν
τοιούτων ὀρνίθων ἐπίλειψις σαφῆς
ἐγένετο, καὶ οὐχ ἔωρῶντο οὔτε ἄλλως
οὔτε περὶ τοιούτων οὐδέν.(...)

(...) Pois as aves e os quadrúpedes que comem muitas vezes humanos que estavam insepultos ou não se aproximavam deles ou pereciam se os comia. A prova disso é que aves como estas se tornavam evidentemente raras, e não eram vistas em volta de nenhum deles (dos cadáveres) e nem de outra maneira.(...) ⁹²

O fato de a peste atingir os animais parece ser o primeiro sinal de que a φύσις está predominando, e, de fato, os animais são um elo intermediador entre a natureza e o homem, que se distinguiu dos animais quando começou ‘prometaicamente’ a estabelecer seus próprios governantes e a elaborar seus νόμοι, τέχνηαι e πόλεις. Com a peste, o homem volta ao quadro de uma certa desordem que o aproxima mais dos animais, isso é, da não-cultura. Com esses animais dividiria seus males, não fossem essas criaturas seres também da natureza, e, por conseguintes inacessíveis em seu conjunto pleno.

Tucídides descreve ainda a repercussão da peste no psiquismo das pessoas. Uma ἀθυμία contagia as pessoas enfermas, já que estavam completamente inertes, desesperadas e incapazes de qualquer reação:

(...) δεινότατον δὲ παντὸς ἦν τοῦ κακοῦ ἢ τε ἀθυμία, ὅποτε τις αἴσθοιτο κάμνων (πρὸς γὰρ τὸ ἀνέλπιστον εὐθὺς τραπόμενοι τῇ γνώμῃ πολλῶ μᾶλλον προίεντο σφᾶς αὐτοῦς καὶ οὐκ ἀντεῖχον),(...)

(...) o mais terrível de toda a doença era a ἀθυμία, quando alguém percebia estar perecendo (pois suas

⁹² TUC., II, 50

mentes dirigiam-se imediatamente ao desespero e eles se achavam perdidos e não resistiam) (...) ⁹³

A ἀθυμία é justamente a ausência de θυμός, ou seja, a falta de uma importante força-motora que conduz a atividade heróica. Homero emprega o termo θυμός frequentemente, e ao utilizá-lo não explora todo o seu potencial semântico que inclui os sentidos de vitalidade, coragem, energia, raiva, indignação, paixão ...

Além desses significados, este termo também tinha a acepção de coração ou de espírito do herói morto. Assim a palavra θυμός pode assumir um significado bom ou ruim. Segundo o helenista Stanford, “nenhum estigma foi atribuído a ela, exceto quando sua conseqüência foi ruim” ⁹⁴.

Ainda para Stanford, “a principal força controlando isso na época heróica foi a αἰδώς. Mas sempre em um grande herói esta paixão heróica era incontrolável” ⁹⁵. E quando a paixão ultrapassa as fronteiras da αἰδώς ou da σωφροσύνη, termo este largamente empregado no século V a.C., dá-se uma ὕβρις, ou seja, o resultado é uma transgressão em palavras ou ações cometidas contra os outros.

Com a peste, observa-se que o θυμός, que conduziu a ὕβρις coletiva, levou a população ateniense ao quadro de ἀθυμία. Tornaram-se homens sem raiva ou paixão, mas apenas tomados pelo abatimento e pelo desencorajamento.

O mal vai se agravando cada vez mais pelas pessoas vindas do campo. Não há casas nem abrigos para essas pessoas, restando-lhes que se amontoassem sob tendas e nos templos, aumentando assim o risco de propagação da peste. Além disso, o verão, os cadáveres junto aos moribundos por toda a parte, a

⁹³ TUC., II, 51

⁹⁴ STANFORD, 1981, p. 291

contaminação das fontes contribuíram para que o flagelo se tornasse incontrolável. As pessoas não respeitavam os rituais fúnebres, queimando seus mortos em piras alheias⁹⁶.

Os sepultamentos e funerais feitos pelos parentes e na terra natal eram importantes e extremamente fortes na Grécia Antiga. Jean-Pierre Vernant, em seu artigo *A bela morte e o cadáver ultrajado*, ressalta a importância cultural dos ritos fúnebres, conforme é possível notar na seguinte passagem:

A morte não é uma simples privação da vida, um decesso; é uma transformação em que o cadáver é ao mesmo tempo o instrumento e o objeto, uma transmutação do sujeito que se opera no corpo e pelo corpo. Os ritos funerários realizam essa mudança de estado: a seu termo, o indivíduo deixou o universo dos vivos, como o corpo consumido esvaneceu-se no além, como a sua *psykhé* chegou sem retorno às margens do Hades. O indivíduo desapareceu então da rede das relações sociais em que a sua existência constituía uma malha; desse ponto de vista, ele é doravante uma ausência, um vazio; mas continua a existir num outro plano, numa forma de ser que escapa à usura do tempo e à destruição. (...) Esta inscrição na memória social toma duas formas, solidárias e paralelas: o herói é memorizado no canto épico que, para celebrar sua glória imortal, coloca-se sob o signo de Memória, faz-se memória, tornando-o memorável; ele o é também no *mnêma*, o memorial que constituem, no fim do ritual funerário, a edificação do túmulo e o erguimento de um *sema*, lembrando aos homens por vir, “*essoménoisi*”, como o faz o canto épico, uma glória assim assegurada de não mais perecer⁹⁷.

⁹⁵ *Idem*, 1981, p. 292

⁹⁶ TUC., II, 52

⁹⁷ VERNANT, 1979, p. 55

Logo no início da *Ilíada*, encontra-se uma cena diversa a este ritual fúnebre, pois os mortos pela peste que atinge as naus gregas não receberam um sepultamento adequado, queimando a pira funerária incessantemente⁹⁸. Na *Antígona* sofocleana, observa-se, pelo problema de Antígona em relação ao funeral de Polinice, o valor do ritual fúnebre adequado. Creonte por meio de um édito proíbe que o sobrinho receba as honras fúnebres de acordo com os costumes tradicionais, pedindo que o corpo de Polinice fique insepulto para servir de pasto a cães e as aves⁹⁹.

Assim, é na falta das práticas funerárias que se percebe nitidamente sua finalidade, pois a negação dos ritos e as várias formas de sevícias que levam ao ultraje do corpo impedem que o herói atinja o estatuto de morto glorioso. E a entrega do corpo ao pasto de cães e aves é a pior das sevícias, como afirma Vernant, ainda em seu artigo:

O herói, cujo corpo é assim largado à voracidade das feras, é excluído da morte ao mesmo tempo em que é diminuído da condição humana. Não atravessa as portas do Hades, porque não teve sua “parte de fogo”; não tem lugar de sepultura, não tem túmulo nem *sema*, nem mesmo corpo funerário localizado que marque para o grupo social o ponto da terra em que ele se acha situado e em que se perpetuem suas relações com seu país, sua linhagem, sua descendência ou até mesmo simplesmente com os passantes. Expulso da morte, ele se acha, no mesmo ato, riscado do universo dos vivos, apagado da memória dos homens. E mais, deixá-lo para as bestas não é somente, recusando-lhe os funerais, interditar-lhe o estatuto de morto, é dissolvê-lo na confusão, remetê-lo para o caos, para uma

⁹⁸ *Ilíada*, I, 51

⁹⁹ *Antígona*, vv. 205-6. Essa também expressão traz uma referência ao início da *Ilíada*, vv.4-5.

completa inumanidade: transformado em carne e sangue de animais selvagens, no ventre das bestas que o devoram, nele não há mais a menor aparência, o menor vestígio do humano: ele não é mais pessoa alguma.¹⁰⁰

Percebe-se, então, nessas duas situações, que o νόμος divino não é respeitado, pois os rituais fúnebres e a manutenção dos túmulos integravam o que, no dizer de Antígona, eram νόμοι divinos, que são irrevogáveis, apesar de nunca serem escritos. Portanto, a falta de importância dada aos funerais nas duas obras resulta em uma ἀνομία, já que tanto em uma como em outra o νόμος divino foi transgredido.

A situação em Tucídides também é ‘anômica’, pois os cidadãos começaram a ignorar o νόμος, que, com a guerra e a peste, não correspondia mais à realidade da πόλις. Helena Mollo ainda enfatiza esta idéia em um de seus artigos:

A imagem do corpo e da doença feita pelo tratado *Sobre a Natureza do Homem* revela-se aqui importante para o discurso histórico. Tucídides toma a cidade como um corpo e, no caso, é ele que fica doente. É ela que sofre com os movimentos “desproporcionais” provocados pela guerra. Assim, em função dessa desproporcionalidade, o interior do corpo social, uma vez atingido, torna-se doente e com isso apolítico¹⁰¹.

Desde que a ἀνομία se instalou na cidade, predominam os prazeres gerados pelas mutações de fortuna e pelo desejo de gozar, sem restrições, o resto

¹⁰⁰ VERNANT, 1979, P. 58-9

¹⁰¹ MOLLO, 1989, p. 248

de uma vida cuja duração é efêmera. É o que se pode ler na seguinte passagem de *A Guerra do Peloponeso*:

Πρῶτόν τε ἦρξε καὶ ἐς τὰλλα τῇ πόλει ἐπὶ πλεόν ἀνομίας τὸ νόσημα. ῥᾶον γὰρ ἔτολμα τις ἅ πρότερον ἀπεκρύπτετο μὴ καθ' ἡδονὴν ποιεῖν, ἀγχίστροφον τὴν μεταβολὴν ὀρώντες τῶν τε εὐδαιμόνων καὶ αἰφνιδίως θνησκόντων καὶ τῶν οὐδὲν πρότερον κεκτημένων, εὐθύς δὲ τὰκείνων ἔχόντων. ὥστε ταχείας τὰς ἐπαυρέσεις καὶ πρὸς τὸ τερνὸν ἠξίουں ποιεῖσθαι, ἐφήμερα τὰ τε σώματα καὶ τὰ χρήματα ὁμοίως ἡγούμενοι. καὶ τὸ μὲν ππροταλαιπωρεῖν τῷ δόξαντι καλῶ οὐδεὶς πρόθυμος ἦν, ἄδηλον νομίζων εἰ πρὶν ἐπ' αὐτὸ ἔλθειν διαφθαρήσεται, ὅ τι δὲ ἤδη τε ἠδὺ πανταχόθεν τε ἐς αὐτὸ κερδαλέον, τοῦτο καὶ καλὸν καὶ χρήσιμον κατέστη. θεῶν δὲ φόβος ἢ ἀνθρώπων νόμος οὐδεὶς ἀπείργε, τὸ μὲν κρίνοντες ἐν ὁμοίῳ καὶ σέβειν καὶ μὴ ἐκ τοῦ πάντας ὄραν ἐν ἴσῳ ἀπολλυμένους, τῶν δὲ ἁμαρτημάτων οὐδεὶς ἐλπίζων μέχρι τοῦ δίκην γενέσθαι βιούς ἂν τὴν τιμωρίαν ἀντιδοῦναι, πολὺ δὲ μείζῳ τὴν ἤδη κατεψηφισμένην σφῶν ἐπικρεμασθῆναι, ἢ πρὶν ἐμπεσεῖν εἰκὸς εἶναι τοῦ βίου τι ἀπολαῦσαι.

De maneira geral, a doença introduziu pela primeira vez na cidade a *anomía*, pois mais facilmente alguém teria audácia aquilo que anteriormente se ocultava não fazer conforme o prazer, vendo rapidamente a mudança das fortunas, tanto daqueles que possuindo propriedades repentinamente morriam e daqueles que antes nada possuíam e imediatamente tomavam as dos outros. Por conseguinte, gozavam abruptamente dos prazeres que julgavam proporcionar (tais riquezas), acreditando ser seus corpos e riquezas efêmeras. Ninguém persistia na boa aparência, o que antes era honroso,

considerando ser incerto se eles viriam morrer antes, que o prazer do momento e todos os modos que levassem a tê-lo, se tornou digno e vantajoso. O temor dos deuses ou a lei (*nómos*) dos homens não impediam ninguém, pois vendo que igualmente todos morreriam, julgavam ser a piedade e a impiedade a mesma coisa; e, por outro lado, ninguém esperava, entretanto, viver para ser chamado a pagar a pena pelos seus erros, pois muitos já estavam condenados a levar sobre suas cabeças o castigo, e seria justo, portanto, gozar os prazeres da vida antes de sua consumação¹⁰².

Se os homens se refreavam de certos atos de violência e de infidelidades, porque temiam aos deuses, agora que os deuses pareciam, juntamente com as leis, a abandona-los, faziam se audaciosos em relação ao que era permitido¹⁰³.

A religião e a moralidade iniciam um processo de degradação com a chegada da peste em Atenas. As restrições de cunho moral tornaram-se lassas ou até mesmo desapareceram, ou seja, a φύσις começou a sobrepor-se ao νόμος, e a ensaiar mesmo a criação de outro νόμος, fundamentado exclusivamente na φύσις corrompida pela peste.

Em concordância com o pensamento expresso por Knox em seu *Édipo em Tebas*, a ἀνομία de Atenas teve um papel fundamental no episódio da Guerra, mas pressupõe um referencial externo ao qual, tal como em *Antígona*, resolveu-se chamar de um νόμος superior ao humano. Segundo o Helenista:

à medida em que a fúria e a paixão do espírito de guerra aumentavam, as ações de Atenas tornavam-se cada vez mais violentas e injustas; a contradição entre as leis da cidade e uma lei superior que está além daquela feita

¹⁰² TUC., II, 53

¹⁰³ cf. BOWRA, 1994; p. 189

pelo homem, tornou-se mais explícita, insistente e opressiva¹⁰⁴.

Esse referencial externo, na verdade, integrante de um modelo civilizatório, circunscreve a noção de ἀνομία, gerada pela imposição de uma φύσις corrompida.

A peste e a guerra trazem essa ἀνομία à tona. Desta forma, vão-se inserindo nela, no dizer de Tucídides, todos os que habitam o território ateniense. Tal Idéia é reforçada por Cecil Maurice Bowra, postulante do racionalismo grego como valor positivo, ao afirmar que “uma vez que se haviam minado os cimentos do conhecimento era natural seguir os impulsos mais ferozes e menos racionais que se haviam mantido teoricamente sobre controle”¹⁰⁵.

Quando a φύσις, ainda que doentia, parece ocupar o lugar do νόμος há a abolição da distinção entre o justo e o injusto. Assim, com a guerra e a peste, Atenas sofre por ter poucos homens que façam com que as leis sejam cumpridas. Não há mais entre os cidadãos atenienses o senso de justiça, ou seja, a cidade perde seu senso de δικαιοσύνη e é tomada por uma atmosfera híbrida em um ambiente de ἀνομία. Lloyd-Jones é categórico ao afirmar que “não há uma tragédia de Péricles, ou de Alcebíades, ou de algum homem, mas a tragédia de Atenas (...). Atenas é traída pela ὕβρις, dentro da injustiça e perde a faculdade de julgamento correto”¹⁰⁶.

A guerra e a peste fazem com que os valores tradicionais esmoreçam-se, sem que isso enseje a promoção de um novo sistema axiológico. A cidade encontra na violência desenfreada o instrumento para alcançar a πλεονεξία; Assim, como declara Anna Lia Prado, “os argumentos baseados no τὸ δίκαιον

¹⁰⁴ KNOX, ; p. 88

¹⁰⁵ cf. BOWRA, 1994; p. 193

¹⁰⁶ Apud FISHER, 1992; p. 391

(o justo) e no τὸ καλόν (o belo) aparecem como meios de persuasão usados pelos mais fracos, porque os mais fortes, detentores do poder, chamam belo e justo ao que é ξυμφέρων e ὠφέλιμον (vantajoso e útil)”¹⁰⁷.

A ἀνομία, por outro lado, decorre da impotência do homem diante da guerra e da peste. Vê-se, no episódio do flagelo da peste, a imagem do caos, no sentido em que o entende Canguilhem ao defini-lo como “a imagem de uma regularidade negada (...). O papel do caos é chamar, provocar sua interrupção e tornar-se ordem”¹⁰⁸. A ἀνομία, nesse sentido, é promissora e necessária, e, de fato, sem que ela faça parte de um projeto deliberado de instauração de um novo νόμος, há, de fato a tecitura subjacente de uma nova ordem que se pretende mais acordada com os desígnios políades da moderação e com a regência das instituições jurídicas.

Péricles, sendo acusado por tal situação profere um discurso usando o modelo do corpo humano para falar da cidade. O governante faz uso do conceito de harmonia e conjunto para falar da cidade, pois esta “proporciona maiores benefícios aos seus habitantes quando é bem-sucedida como um todo”¹⁰⁹.

Logo após o discurso de Péricles, Tucídides reafirma as idéias de um todo unificado e da moderação expressa pelo arconte:

(...) ὧ μὲν περὶ τὰ οἰκεία ἕκαστος ἤλγει ἀμβλύτεροι ἤδη ὄντες, ὧν δὲ ἡ ξύμπασσα πόλις προσεδείτο πλείστου ἄξιον νομίζοντες εἶναι. ὅσον τε γὰρ χρόνον προύστη τῆς πόλεως ἐν τῇ εἰρήνῃ, μετρίως ἐξηγείτο καὶ ἀσφαλῶς διεφύλαξεν αὐτήν, (...)

(...) a essa altura eles (os atenienses) estavam tornando-se menos sensíveis aos seus

¹⁰⁷ PRADO, 1989, p. 12

¹⁰⁸ CANGUILHEM, 1999; p. 214

¹⁰⁹ TUC., II, 60

infortúnios privados e já o consideravam o homem mais capaz em face das necessidades da cidade como um todo. Com efeito, enquanto Péricles esteve à testa da cidade em tempo de paz, seguiu uma política moderada e a manteve segura (...)¹¹⁰

Segundo as idéias expressas por Helena Mollo, Tucídides, através do discurso de Péricles, procura fazer uma interpretação política dos acontecimentos, pois o tempo em que a cidade sofreu com a peste, a política também sofreu males, e, assim, sugere a guerra como um grande mal físico¹¹¹.

Porém o “mal físico” e o “mal social” se confundem, quando a peste é descrita. Enquanto a cidade padece com a peste, o desequilíbrio, que é como entendo a “ἀνομία” de Tucídides, toma conta do corpo social; “não só seu interior político se dilacera como também o império ateniense começa a sofrer grandes derrotas na guerra”¹¹². Tal fato é ressaltado quando as pessoas começam a relacionar a segunda chegada dos peloponésios com a chegada da peste e, conseqüentemente, a acusar Péricles pela guerra e pela peste, o que o leva a convocar uma assembléia a fim de ressaltar a importância de um todo unificado em detrimento do isolamento¹¹³.

Parece mesmo ressoar o gesto de Péricles na escrita de Canguilhem, quando este afirma: “regular, do ponto de vista social, é fazer prevalecer o espírito de conjunto, já que a integração ao todo das partes sucessivamente relacionadas é uma necessidade social específica”¹¹⁴.

O isolamento do corpo individual provoca a destruição do regime político e representa o perigo da passagem da democracia para um νόμος declaradamente

¹¹⁰ TUC., II, 65

¹¹¹ cf. MOLLO, 1994; p. 106-7

¹¹² MOLLO, 1994; p. 107

¹¹³ TUC., II, 60

oligárquico. Tal transformação, de resto, ocorreu no final da guerra, o que parece justificar o discurso com o ideal unificador, que parece evocar o conceito de saúde postulado pelos médicos do século V, notadamente pelo autor do *Da Natureza do Homem*.

Finley assim justifica essa mudança:

Os novos sábios pareciam fazer quase o oposto, tentando deitar abaixo as crenças e valores reconhecidos, especialmente na religião e na moral. Além disso, os seus discípulos e protegidos eram jovens ricos, membros de clubes de simpósios que sempre tinham desprezado a democracia, ou, pelo menos, o *demos*, e que agarraram a oportunidade nos últimos anos de guerra para se tornarem centros de conspiração em prol de revoluções oligárquicas, não poupando táticas — subornos, falsa propaganda, terror e assassinato, provocações ímpias — para atingir os seus fins. Atenas viu-se envolvida em extrema *stasis*, de novo, após um período considerável de imunidade e, para muitos, parecia que a filosofia, a impiedade e a oligarquia estavam de mãos dadas.¹¹⁵

O arconte convence o povo ateniense a continuar na guerra; no entanto, a peste foi a grande causadora das derrotas de Atenas, já que a doença durou dois anos e voltou assolar a cidade por uma segunda vez, como é relatado por Tucídides no terceiro livro d' *A Guerra do Peloponeso*, embora o Historiador seja categórico ao afirmar que a peste nunca saiu de Atenas, pois, para livrar-se de um mal é necessário eliminar sua causa. Enquanto houver ἀνομία haverá λοιμός. Segundo as palavras de Tucídides:

¹¹⁴ CANGUILHEM, 1999; p. 224

¹¹⁵ FINLEY, 1963; p. 119

Τοῦ δ' ἐπιγιγνομένου χειμῶνος ἡ νόσος τὸ δεύτερον ἐπέπεσε τοῖς Ἀθηναίοις, ἐκλιπούασ μὲν οὐδένα χρόνον τὸ παντάπασιν, ἐγένετο δέ τις ὅμως διοκωχή. Παρέμεινε δὲ τὸ μὲν ὕστερον οὐκ ἔλασσον ἑνιαυτοῦ, τὸ δὲ πρότερον καὶ δύο ἔτη, ὥστε Ἀθηναίους γε μὴ εἶναι ὅτι μᾶλλον τούτου ἐπίεσε καὶ ἐκάκωσε τὴν δύναμιν· τετρακοσίων γὰρ ὀπλιτῶν καὶ τετρακισχιλίων οὐκ ἔλάσσους ἀπέθανον ἐκ τῶν τάξεων καὶ τριακοσίων ἰππέων, τοῦ δὲ ἄλλου ὄχλου ἀνεξεύρετος ἀριθμὸς. Ἐγένοντο δὲ καὶ οἱ πολλοὶ σεισμοὶ τότε τῆς γῆς, ἐν τε Ἀθήναις καὶ ἐν Εὐβοίᾳ καὶ ἐν Βοιωτοῖς καὶ μάλιστα ἐν Ὀρχομενῶ τῷ Βοιωτίῳ.

Quando sobreveio o inverno, a doença abateu os Atenienses pela segunda vez, mas houve algum intervalo, esta última durou não menos que um ano enquanto a anterior durou dois anos, de sorte a não ser em relação aos atenienses mais intensa que aquela que massacrara e prejudicou o seu poder. Pois não menos que quatro mil e quatrocentos hoplitas morreram das legiões e trezentos cavaleiros e da outra multidão incalculável é o número. E ocorreram também muitos tremores de terra neste período, em Atenas, Eubéia e Beócia e muito mais em Arcômenos da Beócia.¹¹⁶

O helenista Finley também enfatiza esse quadro de destruição da *pólis* ao afirmar que:

Nas décadas finais do século V, tudo parecia conjugar-se contra Atenas. A Guerra do Peloponeso destruiu numerosas vidas e conturbou continuamente a existência de todos, durante anos; Deixou Atenas enfraquecida, desprovida do seu império, do seu poder e glória, afundados pelo Trinta

¹¹⁶ TUC., III, 87

Tiranos e por uma guarnição espartana. Um número muito maior de atenienses — talvez um terço da população — morreram nas duas pestes que irromperam entre 430-426. Os médicos tinham uma explicação racional, mas não a cura; para que servia, então, a explicação? Porquê virar-se para eles, e não para os videntes, adivinhos e mágicos, que podiam comunicar com as obscuras forças subterrâneas e trazer, talvez, a saúde e a boa sorte?¹¹⁷

Sem a pretensão de resolver a questão colocada por Finley, pode-se propor uma nova perspectiva em relação a esse ponto, na qual importe menos o que procuravam os gregos e mais o que movia essa escritura de Tucídides.

O Historiador de Atenas inscreve-se nas letras helênicas como um dos maiores artífices de um projeto civilizatório que se norteava pela busca da justa medida. No esforço para sedimentar as bases desse projeto, Tucídides empreende seus recursos retóricos, dos quais um dos mais contundentes é ensejado pela descrição da peste de Atenas. Tal como um grande símile, sob a forma concreta de modelo teórico, Tucídides relacionará o corpo humano à cidade para: aplicar-lhe a idéia de saúde; sugerir-lhe a unidade dentro da diversidade, e perscrutar as causas de seus males.

A preocupação etiológica da descrição da peste também está respaldada no uso do modelo com o qual a medicina contempla o corpo, porquanto visa a compor um prognóstico.

¹¹⁷ FINLEY, 1963; p. 118-19

4 – TRADUÇÃO DA DESCRIÇÃO DA PESTE n’ *A GUERRA DO PELOPONESO*

4.1 – Acerca do *Corpus* e da Tradução

A descrição da Peste de Atenas está compreendida no trecho d’ *A Guerra do Peloponeso* que se estende de capítulo 47 ao 60 do segundo livro. No terceiro livro, contudo, ao octogésimo sétimo capítulo, Tucídides descreve a segunda ocorrência do que ele considera ser a mesma peste. Assim, propõe-se aqui a tradução dessas duas passagens, como um dos frutos da pesquisa empreendida acerca do mecanismo de construção histórica do qual Tucídides se serve na elaboração de sua descrição.

A tradução proposta foi realizada, portanto, a partir do estudo das idéias que sustentam meu trabalho, ou seja, dando maior atenção às indicações que o texto original oferece para o direcionamento da investigação acerca da etiologia da peste de Atenas em Tucídides, do modelo hipocrático de análise e descrição, e do aspecto simbólico que se atribui ao evento a partir do discurso que lhe orna.

No decorrer da tradução, optei por não traduzir alguns termos que discuto no decorrer da dissertação, e que cuja carga semântica considerei fundamental, para o estudo dos temas propostos, manter íntegra. Assim, no lugar da tradução optei por ensaiar uma revisão de significados, e tal revisão é nuclear na pesquisa, e naturalmente consta do corpo da Dissertação como um dos pontos centrais da especulação.

A tradução do episódio da peste n’ *A Guerra do Peloponeso* apresentada nesta pesquisa baseou-se no texto editado pela Les Belles Lettres, cotejado com o editado pela LOEB. O estabelecimento do texto proposto pela helenista

Jacqueline de Romilly pareceu-me mais condizente com os interesses da Dissertação, por apresentar um riquíssimo aparato crítico, além do fato de a historiadora ser uma pesquisadora da obra de Tucídides que a ela dedicou-se, como é sabido, por muitos anos, tendo lavrado copiosa produção sobre vários aspectos da obra do estrategista.

Quanto à edição de Chalés Forster Smith, da LOEB, que é mais antiga do que a que serve de base à presente tradução, embora não ofereça, por vezes, um aparato crítico tão elucidativo como a edição de Jacqueline de Romilly (*Les Belles Lettres*), apresenta lições de erudição e engenho incontestáveis. Também por essa razão, recorreu-se, sempre que se fez necessário a esse estabelecimento.

4.2 – Tradução de *A Guerra do Peloponeso*, II, 47-60

XLVII. Tais foram as cerimônias fúnebres que ocorreram durante este inverno, ao cabo do qual chega também ao fim o primeiro ano dessa guerra. (2) Desde o início do verão, os Peloponésios e seus aliados, com dois terços de suas forças como antes, lançaram-se a Ática (sob o comando de Arquídamos, filho de Zeuxídamos, rei dos lacedemônios), e tendo se estabelecido, devastaram a terra. (3) E estando eles poucos dias na Ática, a *nósos*¹¹⁸ começou a aparecer pela primeira vez entre os atenienses. Dizem, então, que havia sobrecaído anteriormente em muitos lugares, ao redor de Lemno e em outras regiões,

¹¹⁸ Não se pretende neste trabalho propor uma história do diagnóstico, e nem mesmo uma oportuna história da história do diagnóstico da peste de Atenas. Muitos a compreendem como uma peste semelhante a febre tifóide eruptiva. Contudo, como fora lembrado em nota no início desta Dissertação, dentre os trabalhos escritos acerca desse tema, destaca-se, pelos questionamentos de ordem epistemológica, a Tese doutoral de Diana Maul de Carvalho, intitulada *História e epidemiologia, possibilidades e limites: o caso do escorbuto e da peste de Atenas*.

certamente não se lembrava de ter acontecido em alguma parte um *loimós*¹¹⁹ tão grande nem uma ruína de tal maneira dentre os homens. (4) Nem os médicos eram suficientes, pois pela primeira vez tinham de tratá-la sem o conhecimento [de sua natureza]¹²⁰ – eles, porém, eram os que mais morriam na medida em que ficavam mais expostos –, nem nenhuma outra *tékhnē* humana. Por mais que suplicassem nos templos ou recorressem a oráculos e a coisas desse tipo, era tudo inútil; ao fim, abandonavam tudo isso, vencidos pelo *kakón*¹²¹.

XLVIII. A doença, como dizem, começou em primeiro lugar na Etiópia, que fica além do Egito, depois desceu para o Egito e para a Líbia e para a maior parte da terra do Rei¹²². (2) Subitamente caiu sobre a cidade dos atenienses, atacou primeiro os homens de Pireus¹²³, de tal modo que eles diziam que os peloponésios teriam posto venenos¹²⁴ em suas cisternas, pois ali ainda não havia fontes. Em seguida [a doença] chegou à cidade alta e morria-se muito mais ainda. (3) Que fale cada um, médico e leigo, sobre a mesma [doença], de acordo com o que sabem, sobre sua provável origem e como as causas se manifestavam, as quais consideravam ser capazes de provocar mudanças tão grandes na vida

¹¹⁹ A palavra *λοιμός* é usada para denominar a doença descrita por Tucídides. Não se pode negar que a palavra *λοιμός* tem uma precisão maior do que a palavra *νόσος*. E poder-se-ia mesmo apontar no termo uma expressividade maior, conquanto tem necessariamente um caráter coletivo, em detrimento do termo genérico *νόσος*.

¹²⁰ O uso do dativo *ἀγνοίᾳ* nessa passagem, sugerindo meio ou instrumento, poderia ter a curiosa tradução “tratando por meio do desconhecimento”. Por parecer-me mais vernacular, preferi inserir a expressão ‘de sua natureza’, que redundava numa perda que esta nota pretende minorar.

¹²¹ A palavra *κακόν* também é utilizada por Tucídides para designar doença. É um *mal* desconhecido, nem médicos e nem a religião são capazes de explicá-lo (dizer sua natureza) ou curá-lo.

¹²² Tucídides postula que a peste começou fora do território grego, atingindo primeiro as terras do Império Persa, e em seguida a Ática. O termo *ἡ βασιλέως γῆ* pode ser melhor entendido através da leitura de Hdt. VII,174, onde o soberano da Pérsia é referido simplesmente como *βασιλεύς*, em detrimento dos soberanos das outras regiões. Platão (*Político*, 291e) sentencia que a *μοναρχία* tem dois nomes: *τυραννίς* e *βασιλική*. Talvez não seja excessivo pensar aqui que Tucídides parece ter preferido um termo que remeta à *μοναρχία*, que desde Alcmeon de Crotona (v. o elogio da *ἰσονομία* no fr.4 DK), pelo menos, opõe-se à saúde.

¹²³ A porta de entrada da peste na Ática foi o Pireus, pois é no porto que se encontram pessoas vindas de todas as partes do mundo, assim como as doenças. Vale ressaltar que foi o Pireus o primeiro lugar a ficar vulnerável politicamente com a guerra, favorecendo a entrada da doença.

¹²⁴ Interessa aqui notar que Tucídides registra que a primeira etiologia da peste é imanente e relativa a uma *tékhnē*, assinalada pelo uso do termo *φάρμακον*.

humana por ter poder de deslocar-se¹²⁵. Eu falarei como (ela) ocorre e a partir do que se pode observá (-la); se ela novamente sobrecair seria certamente melhor que tendo conhecido-a antes, não se a ignore, demonstrarei estas coisas, se com o tempo ela manifestar-se, pois tendo eu mesmo adoecido e também tendo visto eu mesmo os outros adoecendo¹²⁶.

XLIX – Aquele ano, de fato, – e isso é unânime¹²⁷ – aconteceu de ser especialmente livre de enfermidades quanto às outras doenças¹²⁸. Mas se alguém já tinha adoecido de algum mal, todos que tivesse resultavam nesse. (2) Em outros casos, sem motivo algum, mas subitamente e estando em boa saúde, as pessoas¹²⁹ eram tomadas primeiro por um forte calor na cabeça e uma vermelhidão e inflamação dos olhos, nas partes internas, tanto a garganta quanto a língua, ficavam imediatamente vermelho-sangue; e emitiam um odor anormal e fétido; (3) e depois disso sobrevinham o espirro e a rouquidão, em não muito tempo a doença descia para o peito, seguida de tosse forte. E quando se fixava no coração, este ficava indisposto e seguiam-se purgações de bÍlis, todas quantas são denominadas pelos médicos, seguidas de um grande sofrimento, (4) em muitos (casos) sobrevinha umas golfadas vazias, causando forte espasmo; trazendo alívio imediato para uns, e para outros alívio bem posterior. (5) Por fora o corpo não era excessivamente quente ao toque nem estava pálido, mas um pouco

¹²⁵ Vale estacar o uso da expressão δύναιεν ἐς τὸ μεταστῆσαι (poder de deslocar-se), que produz a idéia de a mobilidade ser uma propriedade (δύναμις) da peste. O uso da palavra δύναμις, especialmente por estar nesse trecho da obra de Tucídides, traz a lembrança o sentido que lhe confere a literatura médica, onde esse termo expressa a capacidade de interferência (de uma substância, de um clima, de uma dieta, etc.) sobre um corpo.

¹²⁶ Aqui parece começar o esboço da influência do *Corpus hippocraticum*, pois é através de observações, descrição de sintomas e por sua experiência como enfermo, que ele espera contribuir, para que no futuro, a doença seja identificada e tratada com mais rapidez e eficácia.

¹²⁷lit. ‘como todos concordavam’.

¹²⁸ Aqui, excepcionalmente, é o termo ἀσθενία que foi traduzido por ‘doença’; por outro lado, o vocábulo anterior, traduzido por ‘livre de doenças’ é ἄνοσος, que segue a tendência de toda a descrição da peste, que encontra em νόσος e seus cognatos os termos com os quais o autor preferirá significar as idéias do campo semântico de ‘doença’.

¹²⁹ A descrição da peste relembra o relato que aparece no tratado hipocrático *Epidemias*, I, 2.

vermelho, lívido, coberto de pequenas pústulas e úlceras; mas por dentro, queimavam de tal maneira que nem podiam por sobre eles roupas muito leves e lençóis de linho; não podiam senão ficar nus e nada lhes era mais agradável do que lançar-se na água fria (assim muitos homens, sendo negligentes, corriam para as cisternas) afligidos pela sede incessante; e era tudo igual se bebessem mais ou menos. (6) A impossibilidade de manter-se em repouso e a insônia os tomavam continuamente; e o corpo, enquanto a doença não atingia o auge, não se consumia, mas resistia de forma inesperada ao sofrimento; diferentemente, aconteceu de a maioria morrer entre o sétimo e o nono dia de febre interna, ainda com algum vigor¹³⁰, ou, se escapavam, a enfermidade descia para os intestinos¹³¹, produzindo ali uma forte ulceração; ao mesmo tempo sobrecaindo uma incontrolável diarréia; mais tarde muitos morriam por astenia. (7) O mal, então, começava na cabeça, onde a princípio se fixa, e, a partir de cima, percorria todo o corpo; e se alguém sobrevivia ao que era mas grave, a doença atacava as extremidades, imprimindo nelas seu sinal. (8) Uma vez que atingia os órgãos genitais e as extremidades das mãos e dos pés, e muitos escapavam sendo privados deles, existem aqueles que também foram privados dos olhos. Alguns, de forma análoga, eram tomados pelo esquecimento de tudo no mesmo instante em que são restabelecidos, e não reconheciam a si próprios nem seus mais próximos.

¹³⁰ Preferi traduzir, aqui e mais adiante, o termo δύναμις por ‘vigor’, reconhecendo que a amplitude semântica *sui generis* do vocábulo grego, não encontra correspondência no português, mas sem deixar de notar que isso não diminui seu comprometimento com o *corpus* médico, onde, como dito em nota acima, tem uma relevância incontestável.

¹³¹ O termo usado para ‘intestino’ é κοιλία, que, embora a palavra grega seja um termo muito mais genérico, usado sobretudo para referir as cavidades abdominais internas. O contexto, contudo, permite dizer que se trata mais especificamente do intestino, tal como é possível também depreender do mesmo sentido da palavra em Hdt, II, 40 e 86.

L – O caráter geral da doença¹³² vai para além do *lógos*¹³³, e, de várias formas diferentemente, sobrecaiu a cada um, de maneira mais ofensiva do que a que a esperada pela natureza humana; e, nesse aspecto, mostrou-se diferente das doenças habituais: (2) pois as aves e os quadrúpedes que comem muitas vezes humanos que estavam insepultos ou não se aproximavam deles ou pereciam se os comiam. A prova disso é que aves desse tipo se tornavam notoriamente raras, e não eram vistas em volta de nenhum deles (dos cadáveres) e nem em outro lugar; por outro lado os cães sentiram mais os acontecimentos, pois levam a vida com os homens¹³⁴.

LI – Tal era, então, a natureza geral da enfermidade, deixando de lado muitas outras singularidades atípicas, que atingiam cada pessoa diferentemente em relação a outra. Tal era, no todo, a forma [da doença]. E nenhuma [das doenças] de costume castigava durante aquele tempo, senão aquela. E se ocorresse alguma outra, resultava nessa. (2) Uns morriam por negligência; outros, apesar de ser muito cuidado. E nenhum remédio foi encontrado, por assim dizer, cujo uso fosse eficaz (pois o que beneficiava um prejudicava outro¹³⁵), (3)

¹³² τὸ εἶδος τῆς νόσου – Hornblower (1997:174), reproduzindo um discurso de K. Weidauer, *Thukydides und die hippokratischen Schriften*, afirma “que o *Corpus hippocraticum* de escritos médicos utiliza ἰδέα com o genitivo para diferenciar exemplos particulares de um fenômeno geral, como, por exemplo, quatro tipos de fluídos (sangue, bile, etc): τέσσαρες ἰδέαι χόλου, *Das doenças*, IV. 32”. No livro II, 51, 1, tem-se a expressão ἐπὶ πᾶν τὴν ἰδέαν, “em todas as suas formas”, usada na descrição da própria peste.

¹³³ Tucídides usa uma imagem retórica forte (κρεῖσσον λόγου, lit. ‘mais forte do que o *lógos*’), ao alegar a insuficiência do *lógos* diante de um real que pretendia apresentar como um cenário catastrófico, porque e sobretudo marcado por uma ilogicidade dos fenômenos que faziam refletir, na natureza, a *anomía* da cidade, uma realidade da qual sua palavra e sua compreensão, entendidos como faces do *lógos*, não poderiam acolher e fazer representar. Também a ausência de parâmetros mostrou-se outro obstáculo ao seu relato, posto que essa era a doença mais “ofensiva de todas as outras que tenha tido atacado a natureza humana”. Tal característica pode ainda ser notada no capítulo 64 deste livro.

¹³⁴ διὰ τὸ ξυδιαίτασθαι – essa referência à dieta dos cães e à sua semelhança à dos homens traz à tona a relação da dieta, como comportamento e maneira de viver-se, com a maneira com a αἴσθησις da peste.

¹³⁵ Temos aqui mais uma referência hipocrática em Tucídides, “o médico é aquele responsável por fazer bem ou ao menos não prejudicar” (cf. Tuc, II, 48, 3). O Historiador usa dois verbos importantes, ὠφελεῖν e ἔβλαπτεν, em sua descrição padrão deliberadamente. Hornblower (1997; p. 320) afirma que “o fracasso médico em face a grande peste não implica sobre a concepção de Tucídides dos objetivos e

nenhum corpo revelou-se, nem por robustez nem por astenia, auto-suficiente¹³⁶ diante dela [i.e., da doença], mas [esta] ataca tudo ao mesmo tempo, mesmo tendo cuidados com toda a dieta. (4) Mais terrível do que todo o mal era a *athymía*: quando alguém percebia estar adoecendo (pois suas mentes dirigiam-se imediatamente para a desesperança e eles se achavam perdidos e não resistiam), porque, contagiando-se pelo cuidado mútuo, morriam como ovelhas; e isso causava ainda mais destruição. (5) Se eles não queriam, por medo, aproximar-se uns dos outros, pereciam isolados; e muitas casas foram esvaziadas pela impossibilidade de serem cuidados¹³⁷. Se se aproximavam, morriam, e especialmente aqueles que pretendiam oferecer algum préstimo¹³⁸, pois por vergonha não poupavam a si mesmos ao entrar nas casas dos amigos, e quando os parentes morriam, eles abdicavam das lamentações, vencidos pelo grande *kakón*. (6) Aqueles que escapavam, contudo, geralmente apiedavam-se ainda mais dos que morriam e dos que estavam doentes, pelo fato de já estarem conhecendo [os sintomas] e por estarem mais confiantes; de fato, essa [doença] não atacava, com efeitos mortais¹³⁹, duas vezes a mesma pessoa. Eles tanto eram felicitados pelos outros como, no excesso de sua alegria no momento, tinham uma ligeira esperança de que, no futuro e desde então, não seriam mais mortos por outras enfermidades.

realizações normais dos médicos, e ainda menos sobre a concepção de Tucídides de suas próprias investigações políticas”.

¹³⁶ A expressão *σώμα τε ἄτάρκες* aparece também neste livro segundo (TUC. II,41,1, na Oração Fúnebre feita por Péricles, onde parece reverberar a idéia de que, assim como o corpo não é auto-suficiente, o homem também não o é nas várias formas de atividades. O eco dessa expressão também é visível tanto em Platão (*República*, 563 *passim*) quanto em Heródoto, I, 32.

¹³⁷ Registra-se aqui, mais uma vez o uso do termo ἀπορία (ἀπορία θεραπείου) para descrever uma situação sem esperança gerada pela peste.

¹³⁸ ‘préstimo’ foi a tradução que preferi para ἀρετῆς τι. Vale, contudo ressaltar que se pode notar na passagem uma postura que denota um certo evergetismo.

¹³⁹ Hornblower (1997:325), em um comentário razoavelmente cientificista, afirma que esta passagem “é uma clara afirmação que agora é denominada de específica imunidade adquirida, e junto com seu reconhecimento de contaminação põe Tucídides bem à frente dos médicos contemporâneos”.

LII – Além do sofrimento da presente circunstância, constringiam-nos muito as hordas que vinham dos campos para a cidadela¹⁴⁰, e não menos os refugiados. (2) Não havendo mais casas, viviam em cabanas sufocantes naquela época do ano; enquanto a destruição dava-se sem qualquer ordem. Os mortos, ao expirarem, eram postos uns sobre os outros e pessoas semimortas rolavam nas ruas em torno de todas as fontes pela ânsia de água. (3) Os templos nos quais se acampava estavam repletos de cadáveres daqueles que morriam dentro deles¹⁴¹. Enquanto tal mal violentava intensamente, os homens, que desconheciam o que se passava, devotaram desprezo às coisas divinas e humanas¹⁴². (4) Todos os *nómoi* que antes eram empregados acerca dos funerais foram estremecidos, e cada um enterrava os corpos como podia. Muitos recorriam a indecorosos sepultamentos por carência de meios apropriados, pois já se havia morrido profusamente em torno deles. Sobre piras alheias empilhadas para isso, algumas pessoas, colocando ali seus próprios mortos, ateavam-lhes fogo, outros lançavam aqueles que carregavam em cima de alguma já acesa e iam embora.

LIII - De maneira geral, a doença foi para a cidade o início da *anomía*. De fato, mais facilmente ousava-se fazer aquilo que anteriormente dissimulava-se que se fazia por prazer; vendo a rápida mudança, enquanto morriam repentinamente os que eram afortunados, e os que nada possuíam antes, passavam, então, a possuir (2) Por conseguinte, davam-se a satisfações ligeiras, voltadas para o prazer, acreditando serem seus corpos e riquezas efêmeras. (3) Ninguém se animava a sofrer antecipadamente por considerar isso bonito, considerando obscuro se eles morreriam antes de chegar à enfermidade; ao que,

¹⁴⁰ Note-se que a palavra ‘cidadela’ é a tradução dada a ἄστυ, que aqui importa diferenciar de πόλις.

¹⁴¹ Esta passagem produz a imagem da crise religiosa da cidade, pois tanto os nascimentos quanto as mortes representavam algo profano dentro de um templo.

¹⁴² A oposição entre ἱερός e ὄσιος é evocada para marcar a distinção entre o universo sagrado e o humano, mas trata-se sobretudo de uma questão que se vincula à discussão acerca do *nómos* (palavra que iniciará o período seguinte do texto), com seu aspecto transcendente – vinculado estritamente ao templo – e humano, que se prende à observância das normas políades.

por agradável e abundante, já fosse também vantajoso naquela situação, isso mesmo toma o lugar do belo e do útil¹⁴³. (4) O temor dos deuses¹⁴⁴ ou a lei (*νόμος*) dos homens, nada disso impedia-os, pois julgando ser a mesma coisa ser piedoso e não ser piedoso a partir de todos os que viam morrerem nas mesmas condições que igualmente todos morreriam; e, por outro lado, ninguém esperava, entretanto, viver para ser castigado pelos seus erros, pois muito maior já era a condenação que se lhes pendia, e, antes que essa condenação lhes caísse, era natural¹⁴⁵ que aproveitassem um pouco a vida.

LIV - Os atenienses caíam ali e aqui massacrados por tal *páthos*, enquanto os homens morriam dentro (da cidade); por fora, suas terras eram sitiadas. (2) Em meio a esse *kakón* espontaneamente lembraram imediatamente deste verso que os mais velhos diziam cantar antigamente: “A guerra dórica chegará e, por meio dela, a peste.”(3) Houve, então, uma discórdia entre os homens por não ser nomeado no verso ‘peste’ (*loimós*), mas ‘fome’ (*limós*), venceu dizer-se em relação ao assunto presente ‘peste’ (*loimós*); pois os homens constróem a memória de acordo com aquilo de que são passivos. Então se chegar depois outra guerra dórica, e assim mais tarde sobrevier a fome, imagino que eles provavelmente cantarão daquela maneira. (4) Evocaram a memória do oráculo dos lacedemônios aos que o viram, quando respondeu aos que perguntaram se era necessário guerrear que a vitória seria daqueles que guerreassem com determinação, e disse que ele mesmo ajudaria. (5) Relativamente ao oráculo, consideravam as coisas tais e quais: havendo os lacedemônios atirado-se (sobre a Ática), a doença começou imediatamente – ao passo que não entrou no

¹⁴³ Esta passagem evidencia os efeitos morais da peste e relembra em muito o episódio da descrição da *stásis* em Cócira (III, 82, 8), quando o Historiador utiliza o termo ἡδονή (os prazeres do momento) para ressaltar os efeitos morais da guerra.

¹⁴⁴ Aqui se percebe que não há preocupação com a punição após a morte, fato este que também não aparece na Oração Fúnebre proclamada por Péricles.

¹⁴⁵ ‘natural’, nessa passagem, foi a tradução dada a εἰκός, que poderia também ser traduzido por ‘normal’ ou ‘esperado’. Está, portanto, livre de uma relação direta com o sentido de ‘natureza’.

Peloponeso de forma digna de ser mencionada, e consumiu principalmente Atenas, e depois copiosas multidões em outras regiões¹⁴⁶. Estes foram os acontecimentos relativos à doença.

LV – Os peloponésios, quando devastaram a planície, foram adiante para a terra chamada Páralos (i.e., “Costeira”), até Láurion, onde há as minas de prata dos atenienses¹⁴⁷. Devastaram primeiro a parte voltada para o Peloponeso e depois a que se volta para a Eubéia e também a que se direciona para Andros. (2) Péricles, sendo ainda estrategista, mantinha então idéia de que os atenienses não saíssem, tal como pensava na ocasião da primeira invasão.

LVI – Mas, estando eles ainda na planície, antes de chegarem a Páralos, (Péricles) preparava cem naus para navegar contra o Peloponeso, e quando estava pronto ele lançou-se ao mar. (2) Levou nas naus quatro mil hoplitas atenienses, e trezentos cavaleiros em embarcações especiais para transportar cavalos, que pela primeira vez, então, foram fabricadas a partir de velhas naus. Os de Quios e os de Lesbos juntaram-se à expedição com cinquenta naus. Quando a expedição dos atenienses lançou-se ao mar, os peloponésios que ficaram na Ática estavam na região parália. (4) Chegando a Epidauró, no Peloponeso, [os atenienses] devastaram grande parte da terra, e tendo atacado também a cidade chegaram a

¹⁴⁶ Apesar de entender que a peste era contagiosa, Tucídides nem sempre deixa evidente sua invenção da contaminação, e, acredito, por não poder ter a dimensão de como essa idéia direcionaria a epidemiologia. Ainda em relação a esta passagem, Hornblower (1997: 327), que alia sua incontestável erudição a uma leitura reducionista, evolucionista e cientificista, faz o seguinte comentário: “Dada a inclinação de Tucídides por corrigir os outros explicitamente, esta repreensão é evidência contra a idéia de que ele estava empenhado na polêmica consciente contra os médicos hipocráticos. Nós podemos ainda concordar que ele melhorou notavelmente em relação a eles”.

¹⁴⁷ Tucídides faz referência às minas como forma de evidenciar a sua importância para as finanças da guerra ateniense. Segundo Hornblower (1997: 327-8), “Tucídides não diz que os espartanos causaram danos, ou mesmo que eles saíram para danificar, às minas: seu comentário é um auxílio estritamente certo a localização do distrito. Nota-se novamente que ele pensa ser isto necessário para contar a seus

ter esperança de tomá-la, e realmente não lograram êxito. (5) Saídos de Epidauro, puseram-se ao mar, devastaram a terra Trezena, de Haliás e de Hermione, estas que são toda a costa do Peloponeso. (6) Navegando a partir dessas (terras), chegaram até Prásias, cidade fortificada e costeira da Lacônia, e também devastaram a terra. E assim subjugarão a própria cidade e a saquearam. Então tendo feito estas coisas, voltaram para casa. Os peloponésios, por sua vez, já não estavam mais na Ática, mas tinham se retirado.

LVII – Durante todo o tempo em que os peloponésios estavam na terra dos atenienses, e os atenienses avançavam com o exército sobre as naus, a doença destruía os atenienses tanto no exército quanto na cidade, de sorte que diziam que os peloponésios deixaram mais rapidamente a terra, tomados pelo medo da enfermidade¹⁴⁸, pois tomavam conhecimento pelos desertores de que ela estava na cidade e ao mesmo tempo percebiam os sepultamentos. (2) Nesta invasão, permaneceram por mais tempo e devastaram toda a terra; de fato, ficaram na terra da Ática por mais de quarenta dias.

LVIII – No mesmo verão, Hágnon filho de Nícias e Cleópompos filho de Clíncias, sendo estrategista como Péricles, tendo tomado o exército, do qual já se valera, imediatamente se puseram em expedição militar contra a terra calcídica da Trácia e contra Potidéia, ainda sitiada. Ao chegar em Potidéia, traziam instrumentos de guerra e tentaram de todas as maneiras conquistá-la. (2) Não lhes foram devidamente prósperos, nem o empenho da cidade, nem os demais preparativos da guerra; pois a doença sobreveio naquele momento sobre o

leitores, que tem de elaborar muito mais para eles próprios, longe do fato conhecido por poucos de que Laurion foi uma área ateniense de produção de prata”.

¹⁴⁸ O pavor que a peste provocava nos peloponésios era suficiente para aterrorizá-los à distância. Vale ressaltar que este medo é diferente daquele que sentiam os atenienses relatado por Tucídides no livro II, 51, 1, que estava relacionado com o contato direto com a doença .

exército oprimindo os atenienses completamente, destruindo o exército, de tal sorte que também os primeiros soldados, até então são¹⁴⁹, adoeceram a partir do contato com o exército de Hágnon. Fórmion e os mil e seiscentos homens não estavam mais em torno de Calcídias. (3) E então Hágnon retirou-se com sua esquadra para Atenas¹⁵⁰, tendo perdido, por causa da doença, mil e cinquenta dos quatro mil hoplitas em mais de quarenta dias. Os primeiros soldados permaneceram na região, sitiando Potidéia.

LIX – Depois da segunda invasão dos peloponésios, os atenienses, cuja terra foi devastada pela segunda vez – e a doença e a guerra estabeleceram-se simultaneamente – (2) tinham Péricles como causa¹⁵¹ por tê-los persuadido a guerrear e por causa dele, tendo caído em desgraças, insistiam em fazer um acordo com os lacedemônios. Tendo enviado-lhes alguns embaixadores, assim também eles foram ineficientes. Encontrado-se com o pensamento completamente sem saída, concentravam-se em Péricles. (3) E este, vendo-os em dificuldade com a situação presente e fazendo todas as coisas que ele esperava, fez uma *sýllogon*¹⁵² (ainda era estrategista)¹⁵³ desejando encorajá-los, repreendendo o que era iracundo em seus pensamentos, e levá-los a uma atitude mais calma e confiante. Ele veio à frente e disse o seguinte:

¹⁴⁹ Além do episódio relatado em II, 51, 5, esta passagem parece ser outra evidente declaração de que o Historiador acredita nos efeitos da contaminação da peste.

¹⁵⁰ Para Hornblower (1997: 330) ,“Hágnon retornou, mas Bugh (*Horsemen of Athens*, 96f) sugere que alguns homens da cavalaria podem ter ficado”.

¹⁵¹ Esta passagem, segundo Hornblower (1997: 330) , é “um bom endosso autorial do *Old Oligarch* comentário de que os atenienses tenderam a levar o mérito eles próprios quando as coisas estão bem, mas a culpar seus líderes quando eles estão mal. No discurso que segue, Tucídides leva Péricles a dizer alguma coisa semelhante”.

¹⁵² O termo *ξύλλογον* é empregado aqui no sentido de *ἐκκλησία*. Hornblower (1997:331) diz que “Tucídides leva Péricles a continuar se referir a este termo (*ξύλλογον*) como *ἐκκλησία*, assembleia, e isto é certamente contra, mas não fatalmente contra, a conclusão de Christensen and Hansen (além, II, 22, 1) de que naquela passagem as duas palavras *ξύλλογον* e *ἐκκλησία* têm significados distintos e *ξύλλογον* tem o sentido de encontro *militar*. Em face disso, o assunto-problema da presente passagem e a da II, 22, 1 são extremamente semelhantes. Mas *ξύλλογον* é variavelmente usada em Tucídides, que não está exatamente acima das tecnicidades constitucionais”.

LX – Já esperando que os [sinais] de vossa ira caiam sobre mim (pois percebo suas causas), e por conta disso, convoquei uma assembléia para lembrar-vos e censurar-vos se algo incorreto ou, vindo de mim, coloca-os em dificuldade ou ocorre pelas vicissitudes. (2) Penso, então, que toda a cidade lucraria mais estando inteiramente certa com todos os seus habitantes¹⁵⁴, do que com cada um dos cidadãos agindo bem separadamente, mas agindo mal no conjunto¹⁵⁵. (3) De fato, um homem conduz bem seu próprio negócio, tendo sua terra pátria fracassado, não ocorre senão que ele pereça com ela; mas, se ele se encontra em desgraça quando a cidade prospera, é seguro que [em tais circunstâncias] se salve. (4) Quando uma cidade é capaz de suportar vicissitudes particulares, mas essas vicissitudes não podem ser suportadas por cada um [dos habitantes], como não seria preciso que todos vós a protegeis, e não que façais o que ora fazeis: transtornados pela má sorte de suas famílias, abandonastes a salvação do que é comum [a todos], e tendes como causas tanto a mim que vos aconselhei a guerrear¹⁵⁶, quanto a vós mesmos que o decidistes comigo. (5) Certamente, vossa ira volta-se contra este homem que sou eu, que julgo não ser menos do que ninguém, e [considero] que sabe o que é preciso e declara-o¹⁵⁷,

¹⁵³ A palavra ἔτι (ainda) provavelmente implica que Péricles foi deposto do cargo de estrategista, como também multado, fato este também mencionado por Tucídides no livro II, 65, 3.

¹⁵⁴ A palavra grega aqui traduzida por ‘habitantes’ é ἰδιῶται, que é geralmente traduzida por ‘particulares’, mas que tanto aqui, na descrição da peste, quanto nos tratados hipocráticos (mormente no Περὶ τέχνης) designa “leigo”, por oposição a ἰατρός.

¹⁵⁵ Esse parágrafo começa com Péricles fazendo uma sincera, mas brutal, defesa do pensamento que pretende contemplar o conjunto, o todo, justificando seu próprio comportamento no particular e no geral. Hornblower (1997: 333), parece entender aí, algum germe totalitarista, e declara que “finalmente nota-se que a visão ‘totalitária’ aqui implicada está ligeiramente na variação com a visão ‘orgânica’ do estado de implicada outro modo por Tucídides e seus discursadores. Aqui nós temos a reivindicação de que o individual é definitivamente subordinado ao estado”.

¹⁵⁶ Segundo Hornblower (1997: 333) “Tucídides aqui dá a Péricles um ligeiro abrandamento, e mais retoricamente apropriado, versão do encargo mais usual com que a assembléia ateniense preferiu culpar alguém, mas nunca eles próprios”.

¹⁵⁷ O verbo traduzido aqui por “declarar” é ἐρμηνεύω, cuja amplitude semântica abriga possibilidades como ‘fazer compreender’, ‘interpretar’, etc. O uso e o sentido desse verbo indicam uma certa analogia com a atividade semiológica do médico, que interpreta os sintomas e deles faz a doença.

sendo amante da cidade e mais forte do que a riqueza¹⁵⁸. (6) Pois aquele que sabe e não ensina com clareza, é como se não pensasse, e aquele que fazendo as duas coisas, mas tem o pensamento maléfico à cidade, não poderia expressar-se em tão boa comunhão; mas chegando-se a isso, e sendo vencido pela riqueza, poderia vender tudo por uma única vantagem. (7) Se, com toda a moderação, pensaram em mim – que estou a frente dos demais – para persuadi-los a guerrear, não seria razoável a injustiça de considerarem-me a causa .

4.3 – Tradução de *A Guerra do Peloponeso*, III, 87

LXXXVII – Chegando o inverno, a doença caiu sobre os atenienses pela segunda vez, e não havendo jamais desaparecido por completo, ao menos houve um certo intervalo. (2) Esta última durou não menos que um ano, enquanto a anterior durou dois anos, de sorte a não ser, em relação aos atenienses, mais intensa do que a aquela que oprimiu e causou danos¹⁵⁹ ao seu poder. (3) De fato, não menos que quatro mil e quatrocentos hoplitas e trezentos cavaleiros das tropas¹⁶⁰ morreram e, das demais pessoas¹⁶¹, o número é incalculável. (4)

¹⁵⁸ Esta passagem representa um claro eco da tributação de Termistocles feita no livro I, 138, 3 em αὐτοσχεδίαζειν. Segundo Hornblower (1997; p. 223), “o elogio de Termistocles forma uma ponte natural para Péricles, ‘o grande orador e estadista’ de sua época, justamente como Termistocles o foi na sua”.

¹⁵⁹ Os verbos aqui empregados por Tucídides, ἐπιεσε καὶ ἐκόκωσε, remetem a uma linguagem apropriada aos efeitos da peste. O verbo ἐπιπίπτω é utilizado novamente no sentido médico como em II, 48, 3 e II, 49, 6, ao falar daquele mal coletivo.

¹⁶⁰ Tucídides supõe que cerca de um terço de 14.000 hoplitas e cavaleiros morreram de peste. Hornblower (1997:494), em *A Commentary On Thucydides*, “afirma que M. H. Hansen ‘argumenta que não há razão para supor que a peste afetou hoplitas e cavaleiros mais severamente que outros grupos sociais’, e que chega ao total de uns 15.000 para o número de homens adultos atenienses mortos pela peste entre 430/29 e 427/6. Nós não poderíamos, de qualquer maneira, estar também dispostos a assumir que Tucídides teve acesso a uma boa informação oficial”.

¹⁶¹ Sobre essa passagem, registra-se o seguinte comentário de Hornblower (1997: 494): “a precisa informação de Tucídides alcança por baixo apenas até as primeiras três de quatro classes de Sólon; ou

Aconteceram, também, muitos tremores de terra¹⁶² neste período, em Atenas, Eubéia e Beócia, e muito mais em Arcômeno, da Beócia.

melhor, a confissão de desconhecimento acerca de outras classes é designada ao aumento da confiança na informação precisa, apenas dada, a cerca da cavalaria e perdas zeuguitas. Nota-se que a presente passagem é em efeito uma rara admissão de desconhecimento de Tucídides”.

¹⁶² Hornblower (1997: 495) diz que esta passagem “parece, perturbadoramente, sugerir que havia alguma conexão causal entre a peste e os terremotos”. Parece que o Historiador, nesta passagem, como em I, 23, rejeita a maneira racionalista da descrição da peste no livro II. Ainda para Hornblower, “Tucídides registrou os fenômenos naturais por seu próprio interesse na primeira parte da obra, e na segunda ele registrou então apenas quando eles eram relevantes politicamente. Mas não é totalmente certo que o pensamento de Tucídides das duas partes do presente capítulo seja dissociado”.

Tucídides faz um relato breve dos fenômenos naturais no livro I, 23, 2-3 de sua narrativa, com exceção da grande peste que fecha esta parte e é completamente narrada no livro II, 47 ff. Todos os tipos de calamidades: exílio, morte, conflito civil, estiagem e fome, eram relatados diretamente e casualmente durante a guerra; e muitas destas calamidades foram causadas e agravadas pela guerra. E Tucídides deixa transparecer, no livro II, 54, 5, a consciência de que as condições avassaladoras da guerra provocaram coisas terríveis.

Hornblower (1997: 63) afirma também que “a reivindicação de Tucídides de que os desastrosos fenômenos naturais eram mais freqüentes durante a Guerra do Peloponeso é um impedimento para seus comentadores. Uma força leva a insistir que a presente passagem (I, 23) não é claramente irracional ou supersticiosa, porque Tucídides alega uma conexão casual não explícita, mas meramente registra, como um problema de fato, mesmo de coincidência, que os 27 anos de sua narrativa eram extraordinariamente tão ricos em calamidades”.

5- CONCLUSÃO

Tucídides, em sua obra, procurou descrever o εἶδος da doença, uma façanha descritiva que ele mesmo considerou κρείσσον λόγου (mais forte do que o *lógos*).

Ao pensar-se nos sentidos que cercavam o termo λόγος à época de Tucídides, encontra-se dito que a peste era inefável e também inconcebível, seu εἶδος caracterizava-se pelo radicalismo de sua realidade, pela dureza de suas cenas, pelas dores de suas perdas, e, sobretudo, pelo efeito social que desencadeia.

O λοιμός foi a mais terrível mazela das que vieram a atingir violentamente a natureza humana. O quadro descrito pelo Historiador no capítulo 54 do segundo livro imprime toda a gravidade possível à situação da *pólis* ateniense:

Τοιούτῳ μὲν πάθει οἱ Ἀθηναῖοι περιπεσόντες ἐπιέζοντο, ἀνθρώπων τ' ἔνδον θνησκόντων καὶ γῆς ἔξω δηουμένης. ἐν δὲ τῷ κακῷ οἷα εἰκὸς ἀνεμνήσθησαν καὶ τοῦδε τοῦ ἔπους, φάσκοντες οἱ πρεσβύτεροι πάλαι ἄδεσθαι “ Ἦξει Δωριακὸς πόλεμος καὶ λοιμὸς ἅμ' αὐτῷ.” ἐγένετο μὲν οὖν ἔρις τοῖς ἀνθρώποις μὴ λοιμὸν ὠνοομάσθαι ἐν τῷ ἔπει ὑπὸ τῶν παλαιῶν, ἀλλὰ λιμόν, ἐνίκησε δὲ ἐπὶ τοῦπαρόντος εἰκότως λοιμὸν εἰρησθαι· οἱ γὰρ ἄνθρωποι πρὸς ἅ ἔπασχον τὴν μνήμην ἐποιοῦντο.

Os atenienses caíam ali e aqui massacrados por tal mal, enquanto os homens morriam

dentro (da cidade), suas terras eram sitiadas por fora. Nesse mal espontaneamente lembraram imediatamente deste verso que os mais velhos diziam cantar antigamente: A guerra dórica chegará e por meio dela a peste.’ Criou-se uma discórdia entre os homens por não ser nomeado no verso peste, mas fome, venceu dizer-se em relação ao assunto presente peste; pois os homens produzem a memória de acordo com aquilo de que são passivos.

O autor procura evidenciar essa natureza humana, ao levantar as causas sociais da peste, mostrando como a φύσις interfere no νόμος, a ponto de comprometer a ordem social da cidade, e Tucídides chamou essa subversão de ordem de ἀνομία.

O historiador e estrategista, ao descrever a peste e suas causas, pôde fazê-lo suficientemente desvinculado da idéia de influência direta da esfera divina, embora isso não implique na hegemonia de uma teologia mais ‘racional’ que se sobrepusesse a uma cosmovisão ‘arcaica’. Se se considerar essa perspectiva arcaica aquela que se encontra no ambiente da épica, com seus deuses tão humanos e interventores, não se pode deixar de perceber que esse estatuto teológico ainda terá forte presença sobre o imaginário grego. Ele evocará sua moral própria, seu próprio νόμος, e o colocará em conflito com as exigências de uma πόλις que não pode prescindir de seu caráter coletivo e democrático.

A partir dessa percepção de mundo na qual o texto de Tucídides se insere, verifica-se uma preferência por uma etiologia imanente dos fenômenos que cercam o homem, e, embora essa preferência não exclua a esfera sagrada, parece apontar para uma tendência de interpretá-la mediada pela natureza ou reclusa aos limites das atividades exclusivamente sagradas, como rituais

respaldados em um passado imemorial, que se referem ao contexto em que se inscreve universo épico.

Na primeira parte desta Dissertação, intentou-se evidenciar a importância do pensamento médico do século V a.C., precisamente o da escola hipocrática, na historiografia de Tucídides. Ao buscar as causas da doença, o Historiador adota o modelo do corpo humano para falar da cidade, ou seja, os males físicos e sociais se fundem, gerando um regime mórbido, anômico, na *pólis*.

No entanto, o que Tucídides logrou fazer foi muito mais do que demonstrar uma descrição física da natureza humana, foi gerar no imaginário grego (e, em muitos graus diferentes, no ocidental) um impacto histórico. O Historiador respalda sua construção com os instrumentos da nova ordem políade, sobretudo com as ferramentas da medicina e do direito, perscrutando as falas, examinando as atitudes e dilatando as sendas da história que Heródoto soubera trilhar.

O Historiador de Atenas relata as ações do homem no mundo, e sua descrição da peste parece ter por suporte a tese de que natureza humana é perene; tese essa que o próprio Tucídides revigora, valendo-se de uma concepção parcialmente cíclica do tempo.

A interpretação que Tucídides dedica aos dados de que dispõe é fundamentalmente política, pois a partir do momento que surge uma φύσις corrompida, o sistema políade parece entrar em colapso, voltando-se contra o ideal do μηδὲν ἄγαν, tão presente na produção grega do século V a.C.

No capítulo seguinte, dedicado ao estudo sobre a ἀνομία e doença, evidenciou-se como Tucídides usa seu discurso para produzir o fato da peste, para urdi-lo no imaginário grego.

Para ilustrar o contraste entre a proposta de Tucídides – que se fundamentava na nova ordem políade – e os valores antigos, procurou-se apontar o tratamento que a peste recebeu na *Ilíada*, e como esse conflito é representado em *Édipo Rei*.

Na epopéia homérica, a peste que dizima grande parte do exército grego é provocada por uma ὕβρις individual que afronta um νόμος divino. Na tragédia sofocliana *Édipo rei*, a ὕβρις individual, coloca-se também contra um νόμος de ordem divina, mas, consoante o espírito das representações trágicas, o herói encerra vigorosamente o que Bernard Knox (2002:88) chamará de ‘símbolo dramático’, e traduz para o palco os conflitos e problemas da própria Atenas. Édipo torna a cidade indivíduo em sua manifestação representada, de acordo com a estrutura de manutenção do imaginário através de sistemas simbólicos. Fato este que demonstra claramente uma perspectiva coletivizante, característica da formação da cidade-estado e indissociável do próprio espetáculo trágico.

A descrição da peste n’ *A Guerra do Peloponeso* aparece como uma ὕβρις que, embora de maneira bem distinta, também é apresentada como coletiva, e atinge toda a cidade. De fato, foi o desejo desmedido de poder e ambição desenfreada que levou, conforme a análise de Tucídides, toda a *pólis* ao quadro de ἀνομία, que transita entre causa e efeito da peste. E esta degeneração de valores produz uma nova forma de ver o mundo, a da ótica de uma φύσις corrompida.

No entanto, a descrição de Tucídides, apesar de uma clara influência hipocrática, não reproduz fielmente a visão de um médico que procura a cura, mas a intenção de tornar evidente que a natureza humana é algo imutável, o que parece, como foi dito, uma aplicação do modelo cíclico de representação do tempo.

Esse modelo cíclico, contudo, segue um vetor linear, onde cabe a percepção do tempo biológico do envelhecimento e da corrupção dos corpos que pode ser, também esse, aplicado à cidade, como se pode depreender, por exemplo, das preocupações expressas no discurso de Péricles.

Assim a última parte da Dissertação foi dedicada à tradução do *corpus* estudado (livro II,47-60 e livro III,87). A tradução que foi proposta foi realizada a partir dos estudos das idéias que sustentaram esta pesquisa, ou seja, uma maior

atenção foi dada às indicações que o texto original ofereceu para o direcionamento da investigação acerca da etiologia da peste de Atenas em Tucídides; do modelo hipocrático de análise e descrição, e do aspecto simbólico que se atribui ao evento.

A tradução, enfim, veio ratificar o que foi proposto pela pesquisa, especialmente no que concerne ao fato de Tucídides muito mais do que descrever os sintomas e causas da peste, procurou evidenciar os efeitos psicológicos e morais da doença na cidade, demonstrando que a natureza humana é perene e imutável e que a cidade esteve doente por razões híbridas. Sua perspectiva cíclica dá uma dimensão profilática a sua descrição, através da qual as pessoas poderiam reconhecer a peste e saber proteger-se, pois tal como nas idéias de prognóstico apresentadas nos textos hipocráticos, a natureza humana é um elemento constante em sua obra.

Enfim, utilizando as próprias palavras de Tucídides, pode se dizer que ele construiu a memória (ποιεῖν τὴν μνήμην), ao fazer o relato da Guerra do Peloponeso. O Historiador não deixou, contudo, de abarcar todas as vicissitudes do povo ateniense perante a guerra e a peste, mostrando que o excesso nas atitudes atenienses foi o maior adversário da cidade. E toda a memória construída deve alguma raiz à experiência.

6 – BIBLIOGRAFIA

ARISTOTE. *Éthique de Nicomaque*. Texte, traduction, préface et notes par Jean VOILQUIN. Paris: Garnier Frères, 1960.

AZOUVI, François. A peste, a melancolia e o diabo, ou o imaginário definido. In: Diógenes, Ed.UnB: Brasília, 8, 1985. pp. 99-116.

BERENT, M. *Anthropology and the classics: war, violence, and the stateless polis*. In: *Classical Quarterly*, V. 50 (1); p.257-289, 2000.

BURNET, John. *Early Greek Philosophy*. The World Publishing. Cleveland/New York. 1967.

BOSWORTH, Brian. *Athens' first intervention in Sicily: Thucydides and the Sicilian tradition*. In: *Classical Quarterly*, V. 42 (1); p.46-55, 1992.

BOWRA.C.M. *La Revolución Intelectual*. In: ----- *La Atenas de Pericles*. Madrid: Alianza. 1994.

CAIRUS, Henrique F. A arte hipocrática entre o lógos e a práxis. In: *Terceira margem: Revista do Programa e Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ*, Ano VIII, no.9, 2003.

----- . *Os limites do sagrado na nosologia hipocrática*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1999. Tese de Doutorado em Letras Clássicas.

- . Da natureza do homem: *Corpus hippocraticum*. História ciências saúde: Manguinhos. Vol. VI, no.2, Julho, 1999. pp. 395 – 431.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro. Forense, 1999.
- CARVALHO, Diana Maul de. *História e epidemiologia, possibilidades e limites: o caso do escorbuto e da peste de Atenas*. Rio de Janeiro, FIOcruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 1996. Tese de Doutorado em Saúde Pública.
- CORNFORD, Francis M. *Principium sapientiae: as origens do pensamento grego*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- CRAIK, E. M. *Thucydides on the plague: physiology of flux and fixation*. In: *Classical Quarterly*, V. 51 (1); p. 102-08, 2001.
- . *The Hippocratic treatise on anatomy*. In: *Classical Quarterly*, V. 48 (1) ; p. 135-67, 1998.
- DURLING, Richard J. *A dictionary of medical terms in Galen*. New York: Brill, 1993.
- EDELSTEIN, Ludwing. *Ancient Medicine*. Translation from the German by Lilian Temkin. The Johns Hopkins Press: Baltimore. USA, 1967.
- ELLIS, J. R. *Thucydidean method in the Kylon, Pausanias and Themistokles logoi*. In: *Arethusa* V. 27 (2); p. 165-91, 1994.

- FINLEY, Moses I. *Os Gregos Antigos*. Trad. Artur Morão; Edições 70: Portugal.1963.
- FISHER, N.R.E. *Hybris. A study in the values of honour and shame in Ancient Greece*. Aris& Phillips, Warminster, England. 1992.
- FONTES, Virgínia. *História e Modelos*. IN: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- FUKS, Alexander. *Thucydides and the stasis in Corcyra: Thuc., III, 82-3 versus [Thuc.], III,84*. In: *American Journal of Philology*, V. 92 (1); p. 48-55, 1971.
- HERODOTE. *Histoire*. Texte établi et traduit par Ph.- E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1951. 11 vol.
- HIPPOCRATES. With an English translation by W. H. S. JONES. London/Cambridge, Loeb Classical Library, 1959. 4 vols.
- HOMÈRE. *Iliade*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Tome I. Paris: Belles Lettres, 1987.
- HORNBLLOWER, Simon. *A commentary on Thucydides*. V.I.; 2a. ed. Oxford: Clarendon, 1992.
- HUDSON-WILLIAMS, H. LL. *Thucydides, Isocrates, and the rhetorical method of composition*. In: *The Classical Quarterly*, V. 42 (3,4); p. 76-81, 1948.

JOLY, Robert. *Le Niveau de la Science Hippocratique*. Paris: Belles Lettres, 1966.

JOUANNA, J. *Hippocrate*. Paris: Fayard, 1992.

KIRK, G. S., RAVEN, J. E. & SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré - Socráticos*. Trad. Carlos Alberto Louro Fonseca. 4^a. ed. Fundação Calouste Gulberkian, Lisboa, 1994.

KNOX, Bernard. *Édipo em Tebas*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MACKIF, C. J. *Homer and Tucydides: Corcyra and Sicily*. In: *Classical Quarterly*, V. 46 (1); p. 103-13, 1996.

MOLLO, Helena M. *A influência do Corpus Hippocraticum sobre a historiografia de Tucídides*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994. Dissertação de Mestrado em História.

----- . *O corpo e narrativa na Grécia Clássica*. São Paulo: Clássica, Ano 2, vol.2. 1989.

MORRISON, James V. *A key topos in Thucydides: the comparison of cities and individuals*. In: *Journal of Philology*, V. 115 (4); p. 525-41, 1994.

OEUVRES complètes d' Hippocrate. Traduction, introduction et notes philologiques par Émile LITTRÉ. Paris, Academie Royale de Médecine, tomo I, 1839; tomo II, 1840; tomo IV, 1844; tomo VI, 1849; tomo VII, 1853; tomo IX, 1861a; tomo X, 1861b.

PLATON. La République. Texte établi et traduit par Émile CHAMBRY. Paris: Les Belles Lettres, 1982. 7t.

----- . Le politique. Texte établi et traduit par Auguste DIÈS. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

PRADO, Anna Lia. *O logos de Tucídides sobre a Guerra*. São Paulo: Clássica, Ano 2, vol. 2.1989.

RIBEIRO, Tatiana Oliveira. *Mestres violentos na Grécia Clássica: a peste, a guerra e a stásis na obra de Tucídides*. In: Calíope: Presença Clássica, no. 11; p.128-37, dez/2003.

ROMILLY, Jacqueline de. *História e razão em Tucídides*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

----- . La construction de la verité chez Thucydide. Paris: Julliard, 1990.

----- . *Rencontre avec la Grèce antique*. Paris: Fallois, 1995.

SHEETS, George A. *Conceptualizing international law in Thucydides*. In: *American Journal of Philology*, V. 115 (1); p. 51-73, 1994.

SLUITER, Ineke. *Two problems in ancient medical commentaries*. In: *Classical Quarterly*, V. 44 (1); p. 270-75, 1994.

SOPHOCLE. *Ajax. Oedipe roi. Èlectre*. Texte établi par Alphonse DAIN et traduit par Paul MAZON. Huitième tirage revu et corrigé par Jean IRIGOIN. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

- . *Les Trachiniennes. Antigone*. Texte établi par Alphonse DAIN et traduit par Paul MAZON. Septième tirage revu et corrigé par Jean IRIGOIN. Paris: Les Belles Lettres, 1994.
- STANFORD, W. B. *Sophocles: Ajax Bristol Greek Texts*. Duckworth, 1998 [1953].
- SWAIN, Simon. *Man and Medicine in Thucydides*. In: *Arethusa*, V. 27 (3); p. 303-27, 1994.
- THUCYDIDE. *La Guerre du Péloponnèse*. Texte établi et traduit par Jacqueline de ROMILLY. Livres II et IV. Paris: Belles Lettres. 1962 (1953).
- THUCYDIDE. *La Guerre du Péloponnèse*. Texte établi et traduit par Raymond WEILL. Livre III. Paris: Belles Lettres. 1972.
- VERNANT, J.P. *A bela morte e o cadáver ultrajado*. Discurso, no.9, São Paulo, 1979.
- . *Édipo sem complexo*. In: ----- & NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- VIEIRA, Trajano. *Édipo Rei de Sófocles*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2001.
- WEST, Martin L. *Iambi et elegi graeci ante alexandrum cantati*. Oxford: Oxford University Press, 1998. Editio altera.